

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**EDSON ANDRÉ ROSA MOTA**

**O CINEMA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E O DEBATE  
SOBRE OS POVOS INDÍGENAS**

São Luís - MA  
2024

**EDSON ANDRÉ ROSA MOTA**

**O CINEMA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E O DEBATE  
SOBRE OS POVOS INDÍGENAS**

Monografia apresentada ao curso de História Licenciatura, da Universidade Estadual do Maranhão, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Regina Rodrigues Santos.

São Luís - MA  
2024

Mota, Edson André Rosa.

O cinema como ferramenta para o ensino de história e o debate sobre os povos indígenas. / Edson André Rosa Mota. – São Luís, 2024.

68 f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Regina Rodrigues Santos.

Cinema. 2. Ensino de História. 3. Povos Indígenas. I. Título.

CDU 37:791.43(=1-82)

**EDSON ANDRÉ ROSA MOTA**

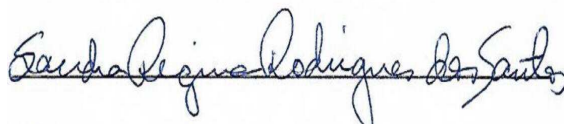
**O CINEMA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E O DEBATE  
SOBRE OS POVOS INDÍGENAS**

Monografia apresentada ao curso de História Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Regina Rodrigues Santos.

Aprovada em 01/04/2024

**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Regina Rodrigues Santos (Orientadora)  
Doutora em Políticas Públicas em Educação  
Universidade Estadual do Maranhão



---

Prof. Dr. Carlos Alberto Ximendes  
Universidade Estadual do Maranhão



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Viviane de Oliveira Barbosa  
Universidade Estadual do Maranhão

*Dedico este trabalho a Deus por todas as coisas boas que colocou em minha vida. À minha família e em especial à minha mãe, Creusa Regina Rosa Mota, por todo seu amor e sua dedicação.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças durante toda a minha caminhada, sem a minha fé nele jamais teria condições de acreditar em dias melhores, e que um dia estaria finalizando esta etapa.

Agradeço também a minha mãe, Creusa Regina Rosa Mota, por ter acreditado em mim em vários momentos que nem eu mesmo acreditava, pois, a sua fé em minha capacidade de vencer e na esperança de que virão dias melhores me ensinou mais do que qualquer coisa que já aprendi em qualquer sala de aula. Ver a sua luta diária todos os dias me ensinou a ser um homem melhor, e esta vitória não é só minha, mas sua também.

Também agradeço à minha orientadora Sandra Regina Rodrigues dos Santos, sou muito grato a todos os seus ensinamentos, a todos os seus puxões de orelha e conselhos, certamente levarei para toda a minha vida.

Agradeço a minha namorada Hemmilly Lemos, sem você do meu lado, todas as dificuldades da minha caminhada seriam insuportáveis, agradeço também meus grandes amigos Diego Dominici, William Santos e Carlos Alessandro, a amizade de vocês me ajudou muito em tempos que eu só pensava em desistir, devo essa vitória também a vocês. Também agradeço a minha amiga Bianca Santos, ser o seu amigo de turma foi o melhor presente que Deus poderia ter me dado ao chegar na universidade, sem dúvidas, você é um dos motivos desta minha vitória.

Também agradeço a Universidade Estadual do Maranhão por proporcionar meios pelos quais pude aprender a minha profissão, além de ter contribuído consideravelmente para meu crescimento enquanto cidadão.

Por fim, gostaria de agradecer à docência em História como um todo, pois desde quando a escolhi sempre me disseram das desvantagens financeiras em seguir este caminho, porém, não existe ocupação mais nobre e linda do que a docência. Sempre tive o desejo de deixar a minha marca neste mundo, ser relevante na vida de pessoas que realmente necessitam de ajuda. Ser professor de História é a minha contribuição para o mundo, e certamente, isso não tem preço.

*“Prefiro virar adubo dessa terra do que parar de lutar por ela”*

*Provérbio indígena.*

## RESUMO

Este trabalho versa sobre o cinema como ferramenta para o ensino de história e o debate sobre os povos indígenas, e tem como principal objetivo analisar os fatores que fazem do filme uma importante ferramenta pedagógica tanto para o ensino de História como para o estudo da cultura dos povos indígenas. O cinema é um recurso que nos permite conhecer, descobrir, entender, nos emocionar e educar, e diante dessas possibilidades, o filme na sala de aula certamente pode ser um recurso pedagógico de grande importância, pois permite aos professores uma quebra na rotina das aulas expositivas centradas apenas nos livros didáticos, dessa forma, contribui para o processo do ensino e aprendizagem e na contextualização daquilo que é ensinado na escola. A pesquisa foi desenvolvida em formato bibliográfico e de campo, e a coleta de dados foi efetivada através da participação de 10 (dez) alunos que cursam o 6º ano do instituto socio educacional Betel, localizada no bairro João Paulo, São Luís – MA. Os resultados indicam que o filme se configura como um componente didático imprescindível para complementar o ensino de História de maneira lúdica e dinâmica, pois o aluno pode ter contato com diferentes culturas, compreender a sua formação historiográfica e as lutas empreendidas por vários grupos sociais ao longo dos séculos.

**Palavras-chave:** Cinema; Ensino de História; Povos indígenas.



## **ABSTRACT**

This work deals with Movie theater as a tool for teaching history and the debate about indigenous peoples, and its main objective is to analyze the factors that make film an important pedagogical tool both for teaching History and for studying the culture of indigenous peoples. Indian people. Movie theater is a resource that allows us to know, discover, understand, move, and educate, and given these possibilities, film in the classroom can certainly be a pedagogical resource of great importance, as it allows teachers a break from the routine of classes. expository focused only on textbooks, thus contributing to the teaching, and learning process and the contextualization of what is taught at school. The research was developed in a bibliographic and field format, and data collection was carried out through the participation of 10 (ten) students studying the 6th year of Escola Comunitarian Betel, located in the João Paulo neighborhood, São Luís – MA. The results indicate that the film is an essential teaching component to complement the teaching of History in a playful and dynamic way, as the student can have contact with different cultures, understand their historiographical formation and the struggles undertaken by various social groups throughout of centuries.

**Keywords:** Movie theater; Teaching History; Indigenous people

## **LISTA DE SIGLAS**

**BNCC** - Base Nacional Comum Curricular

**CF** - Constituição Federal

**DCNs** - Diretrizes Curriculares Nacionais

**INCE** - Instituto Nacional de Cinema Educativo

**LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**PCNs** - Parâmetros Curriculares Nacionais

**PNE** - Plano Nacional de Educação

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 O CINEMA COMO INSTRUMENTO FAVORECEDOR DA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS: Contribuições teóricas</b>	<b>16</b>
2.1 O Cinema no século XIX e sua entrada no espaço escolar	17
2.2 A inserção do cinema nas escolas brasileiras entre os séculos XX e XXI	20
<b>3 O CINEMA NA ESCOLA</b>	<b>24</b>
3.1 A formação pedagógica como possibilidade para a inserção do cinema em sala de aula	27
3.2. As políticas educacionais: proposições para o ensino da história a partir de alguns filmes	29
3.2.1. O cinema como recurso auxiliador de uma escola multicultural	31
3.2.1.1 Exemplos de filmes que podem ser trabalhados em sala de aula: “A Conquista do Paraíso”	34
3.2.1.2 Exibição do documentário “Antes do Brasil”	35
<b>4 PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS PARA O USO DE FILMES NO ENSINO DE HISTÓRIA: Trabalhando a questão indígena em sala de aula</b>	<b>38</b>
4.1 A Metodologia adotada na exploração do filme “Xingu”	43
4.2 A Aplicação do Questionário: resultados e discussão	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>54</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A sociedade na qual estamos inseridos no atual contexto, exige profissionais com características de autonomia, criatividade, criticidade, capacidade de adaptar-se a mudanças e pluriculturalidade. Inserida nesse contexto, cabe à escola formar cidadãos com esse perfil, com conhecimentos para desenvolver nos educandos a capacidade de analisar e construir opiniões próprias com consciência de direitos e deveres (Freire, 1996).

Como enfatiza Gadotti et.al (2001) a escola é um lugar de encontro de múltiplas culturas, onde constata-se “a diversidade cultural é a riqueza da humanidade. Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da sua” (Gadotti et. al., 2001, p.119). Nessa perspectiva, cabe à escola trabalhar com as diferenças sociais e culturais que permeiam a sociedade.

Nesse sentido, a sala de aula é o espaço em que o educador possui contato com alunos de variadas culturas e diferenças provenientes de suas realidades sociais, econômicas e étnicas, aspectos que exige desses profissionais o domínio de conteúdos e ferramentas no exercício da docência, principalmente quando se trata de professores de História, pois o conhecimento histórico dessa disciplina é primordial para a formação de sujeitos críticos, tendo em vista que é por meio deste conhecimento que os estudantes conseguem entender melhor o seu papel social e as possibilidades de melhorar a convivência com as pessoas, contribuindo para sua construção pessoal.

Nesse contexto, é necessária a existência de educadores que sejam pesquisadores e detentores de conhecimentos sobre a sociedade brasileira, para que, a partir daí se posicionem de forma crítica e reflexiva sobre suas práxis pedagógicas. Assim, acredita-se que eles possam promover um ensino que leve em consideração o uso dos mais variados recursos, tendo em vista o combate aos estereótipos que ainda existem em muitas escolas.

Com essa perspectiva, é indiscutível o domínio de diferentes linguagens no ensino da disciplina História, e nesse contexto, a utilização de filmes se torna uma ferramenta bastante promissora, pois este é um recurso que geralmente é bem aceito por conta da sua grande inserção na cultura do cotidiano dos alunos, logo

esta linguagem passa a ser um importante aliado do professor, visto que favorece preciosas reflexões e importantes informações.

O filme por ser um recurso bastante presente na realidade das escolas brasileiras, é uma linguagem bastante presente na vida de milhares de pessoas por todo o mundo, e que através do avanço da tecnologia está cada vez mais acessível para todos nós. Se antes para assistir um filme era necessário ir ao cinema, hoje podemos assistir diariamente por nossas televisões e até na palma de nossas mãos por meio do celular.

É necessário diferenciar os conceitos de “cinema” e “filme”, o termo "cinema" e "filme" são frequentemente utilizados de forma similar, mas possuem distinções significativas, o "cinema" abrange não apenas a exibição de filmes, mas também todo o contexto envolvido nessa experiência, desde o local físico onde os filmes são projetados até a atmosfera e a cultura associadas às salas de cinema. Por outro lado, "filme" se refere à obra audiovisual em si, incluindo sua narrativa, imagens e som, enquanto o cinema representa o espaço físico da projeção, o filme representa a criação artística em si, podendo ser apreciado em diversos contextos além das salas de cinema, como em casa ou em dispositivos móveis, essa distinção é importante para compreendermos a ampla gama de formas e contextos em que o cinema e os filmes podem ser apreciados e discutidos.

As motivações que me levaram a escolher o filme como objeto de pesquisa estão ligadas a dois fatores, a minha caminhada estudantil, no percurso acadêmico, quando adquiri preparação teórica e metodológica através de diferentes disciplinas oferecidas na Universidade, principalmente no que se refere a forma como os docentes utilizavam o filme como recurso pedagógico para proporcionar debates bem mais aprofundado e rico e uma melhor reflexão dos temas abordados. O outro fator foram as experiências obtidas na educação básica com as disciplinas de estágio obrigatório do ensino fundamental e médio, quando trabalhei com filmes em sala de aula que tratavam sobre questões ligadas aos indígenas para estimular o interesse dos estudantes por esta temática e também no atendimento da Lei Nº 11.645, aprovada em 10 março de 2008, que trouxe a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

Feita estas considerações iniciais, levantamos como problematização da pesquisa o seguinte questionamento: até que ponto o filme enquanto recurso

pedagógico é uma ferramenta que propicia o processo de ensino e aprendizagem para alunos em sala de História?

Considerando esta problematização sobre a importância do filme como um recurso didático, levantamos outras questões que nos ajudarão a encontrar respostas mais pertinentes: quais aspectos pedagógicos permitem que um filme seja uma ferramenta relevante tanto para o ensino de História como para o estudo dos povos indígenas? E quais os cuidados que o docente de História precisa ter para que este recurso seja utilizado e trabalhado de forma que venha contribuir verdadeiramente para o aprendizado dos alunos?

No sentido de buscar respostas a esses questionamentos, propusemos os seguintes objetivos:

O objetivo geral do trabalho visa analisar os fatores que fazem do filme uma importante ferramenta pedagógica tanto para o ensino de História como para o estudo da cultura dos povos indígenas. Dentre os objetivos específicos ressaltamos: demonstrar pela perspectiva teórica a relação existente entre cinema, educação e o ensino de História; analisar o cinema como ferramenta metodológica para o ensino da história, possibilitando trabalhar com a história e cultura indígena em sala de aula, e o terceiro objetivo tem como foco a aplicação da pesquisa em turma e a posterior análise dos dados coletados.

Como procedimento metodológico, foi realizada a pesquisa bibliográfica para que tivéssemos uma preparação teórica e metodológica acurada sobre cinema e filme como ferramenta para o ensino de história e cultura indígena. E nesse contexto, buscou-se dar enfoque para a questão dos povos indígenas. A ancoragem teórica foi possibilitada por diferentes estudiosos como Ferro (1976), Turner (1997), Napolitano (2003), Ramos, Araújo e Souza (2012), dentre outros.

A ferramenta metodológica proposta para se trabalhar em sala de aula, foi o filme *Xingu* (2013) de Cao Hamburger a ser desenvolvida em etapas: em um primeiro momento o filme foi reproduzido em sala de aula, objetivando provocar uma discussão sobre a temática abordada sobre os indígenas; buscando identificar o ponto de vista dos alunos.

O segundo momento foi a aplicação de um questionário aberto com os alunos, com o intuito de analisar as suas respectivas opiniões, tanto em relação ao papel do filme como um recurso pedagógico.

O *lôcus* da pesquisa foi o instituto socio educacional Betel, situado no bairro

João Paulo, São Luís – MA, local onde leciono a disciplina de História. Este local foi escolhido pela vivência na escola, percebi a necessidade de buscar alternativas pedagógicas que fossem além do uso do livro didático, e de aulas expositivas que acabam por contribuir com o pouco envolvimento dos alunos, tornando-os sujeitos passivos no decorrer do processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, busca-se neste estudo contribuir com possibilidades metodológicas para o ensino da história a partir da utilização de produções cinematográficas para um aprofundamento da análise da cultura dos povos indígenas no Brasil em sala de aula, desta forma nossa intenção é estimular reflexões e debates que possam provocar o interesse dos alunos em relação a esta temática.

Este estudo está organizado em capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se as contribuições teóricas a respeito dos benefícios de utilização do cinema como instrumento facilitador para a construção de conhecimento, com abordagem sobre a sua entrada no espaço escolar a partir do século XIX, assim como, nas escolas brasileiras entre os séculos XX e XXI.

No capítulo seguinte ressalta-se a importância do cinema na prática pedagógica da escola, assim como a importância da formação pedagógica como possibilidade para a inserção do cinema em sala de aula, abordando acerca das políticas educacionais e proposições para o ensino de História a partir de alguns filmes, a exemplo de “A Conquista do Paraíso” e “Antes do Brasil.

No terceiro capítulo tem-se proposições metodológicas para o uso de filmes no ensino de História, com evidências de como pode ser trabalhada a questão indígena em sala de aula, bem como, a metodologia adotada na exploração do filme “Xingu” e a aplicação do questionário, com os respectivos resultados e discussão, seguindo-se das considerações finais e apresentação das referências bibliográficas dos autores utilizados para a construção deste estudo.

## **2 O CINEMA COMO INSTRUMENTO FAVORECEDOR DA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS: Contribuições teóricas**

O cinema como fonte histórica deve muito a escola dos Annales, antes de haver uma revolução nos estudos da História proporcionada por eles, somente documentos de cunho oficial eram aceitos como fontes históricas e vistos como verdadeiros e absolutamente inquestionáveis. Porém, a partir dos anos 70, as produções cinematográficas passaram a obter certa relevância no meio das pesquisas históricas, pois começaram a ser entendidas como importantes fontes para a construção do conhecimento histórico e do saber no ambiente escolar.

Nesse contexto, o cinema é uma arte que proporciona inúmeras possibilidades de discussões, reflexões e sentimentos, a linguagem do cinema também proporciona um afloramento no imaginário de quem o assiste, além de ter um grande potencial para construção de conhecimentos.

As produções cinematográficas não estão restritas somente ao espaço do cinema, tem se vivenciado o aumento desse público consumidor nos últimos tempos por meio das plataformas digitais, consequentemente, resultando na lucratividade dos diretores de streaming, em razão dessa acessibilidade de filmes e séries através de dispositivos móveis, o que tem conquistado o público consumidor jovem, motivo pela qual este recurso se torna uma ferramenta de grande potencial em uma sala de aula.

Portanto, o processo de aceitação e entendimento do filme como um documento histórico se dá pelo fato do abandono dos ideais de História da escola metódica, ideais estes que foram contrariados com o surgimento da revista dos Annales. Agora a história começaria a ser estudada não apenas com foco nas grandes realezas, nas guerras e nos tratados, mas abrangeria o seu olhar para as mentalidades, para o cotidiano e para a cultura das sociedades.

Em relação a sociedade brasileira, a trajetória da disciplina de História nas salas de aulas nem sempre teve o percurso tal como se observa atualmente, tendo



sido negligenciada em alguns períodos, como por exemplo, na época da ditadura militar, em que os alunos só tinham acesso aos Estudos Sociais, o que contribuiu para que a História em seus objetivos e conteúdos fosse esvaziada.

Os aspectos da importância do filme, como ferramenta pedagógica, exigem conhecimentos sobre os procedimentos metodológicos de sua utilização capazes de conseguir gerar questionamentos dos alunos, além de debates e construções do conhecimento. Ressaltamos que a figura do professor nesse processo é primordial, pois cabe problematizar esse recurso audiovisual exibido em sala de aula com o objetivo de suscitar discussões que favoreçam uma reflexão crítica, caso contrário, o filme exibido não passará de um mero entretenimento durante a aula.

## **2.1 O Cinema no século XIX e sua entrada no espaço escolar**

Antes de adentrarmos para a análise do cinema/filme e seu potencial para a sala de aula, considera-se pertinente construir um percurso da história dessas ferramentas, seja como documento ou como ferramenta. No final do século XIX, na França, a primeira sessão de cinema foi organizada pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, no Salão Indiano do Gran Café, no n. 14 do Boulevard des Capucines, em Paris, acompanhado por 33 espectadores que se encantaram com a experiência da projeção de imagens realizadas pelos inventores do cinematógrafo – os irmãos Lumière” (Duarte, 2002).

A revolução proporcionada pelos Annales, enfraquece a cultura da unânime preferência pelo documento escrito, proporcionando assim um ampliamto da visão dos historiadores, agora o seu foco iria além dos documentos oficiais e dos grandes acontecimentos políticos, para uma infinidade de possibilidades de pesquisas, e o filme é uma delas. Agora com esta revolução, o cinema passa a ser um importante recurso em sala de aula, através dele o professor de história tem inúmeras possibilidades, diversas formas de extrair debates e análises importantes, tanto do que está claro no filme, como do que está menos explícito, além de proporcionar uma ampliação do foco de estudo na sala de aula, que sempre esteve voltado para os livros didáticos e suas narrativas europeizadas.

Quando alguns milhões de pessoas enchem diariamente milhares de salas de projeção cinematográfica em todo mundo, torna-se evidente que o Cinema é um poderoso instrumento de influência individual e coletiva, que cumpre importante função social no amplo campo das manifestações da atividade humana. Desvendar e compreender o mundo neste século será uma tarefa incompleta se não se estudar o Cinema por ele produzido (Meirelles, 1997, p. 114).

No campo da educação, em algumas instituições de ensino o cinema foi introduzido após a criação do videocassete, devido ao sucesso desta invenção tecnológica na época, foi possível que a população tivesse acesso a filmes fora das salas de cinema, o que conseqüentemente facilitou a utilização deste recurso em ambientes de sala de aula.

Segundo Costa (1987) nunca existiu uma demanda tão grande de introdução, aprofundamento, e o estudo com o uso do cinema como existe atualmente na escola, para este autor isso certamente se dá pelo fato da necessidade de superar os enormes atrasos que a escola vinha acumulando em relação às novas expressões de comunicação e de elaboração das informações. O cinema está completamente ligado à percepção de mundo da maioria das sociedades, acontecimentos históricos, pessoas, fatos em geral, sempre foram retratados no cinema, fazendo com que eles fossem reproduzidos no imaginário dos milhares de pessoas que o consomem. Dessa forma, segundo Duarte (2002) muito da ideia que temos da história talvez esteja inevitavelmente marcada pelo contato que tivemos com as imagens cinematográficas.

Sobre as variadas perspectivas de utilização do cinema, Morán (1995) salienta que os vídeos podem ser usados de acordo com os diferentes propósitos que o professor pretende trabalhar com os estudantes, sendo estes:

- Vídeo como sensibilização – nesta categoria, o educador pode selecionar filmes que propõem a introdução de assuntos novos, despertando assim, a curiosidade de quem assiste e motivando o aluno para a busca de novos conhecimentos.

- Vídeo como ilustração – essa técnica pode ser utilizada para complementar a aula expositiva, com vídeos que demonstram aquilo que está sendo abordado, incitando a associação entre a aula oral e o vídeo.

- Vídeo como simulação – esses vídeos podem ser escolhidos para a abordagem de aulas nas ciências exatas, como Matemática, Física e Química,

principalmente quando a escola não dispõe de laboratório de prática e o professor não tem possibilidade de fazer experiências de demonstração dos assuntos trabalhados.

- Vídeo como conteúdo de ensino – esse é o tipo mais comum, em que o educador pode optar por vídeos épicos, por exemplo, quando aborda o ensino de História Antiga.

- Vídeo como produção – nessa tipologia, o professor pode estimular os alunos a criarem seus próprios vídeos, documentando entrevistas, filmagens de lugares histórico-culturais, eventos e experiências diversas.

Logo após o sucesso dos videocassetes vieram os DVDs, que permitiram que os docentes começassem a notar que os filmes poderiam ser utilizados como uma ferramenta pedagógica, na medida em que eram atrativos para tratar sobre temas discutidos com frequência em sala de aula. Apesar da grande influência que os videocassetes e DVDs tiveram na popularização do cinema na sociedade como um todo, e conseqüentemente no uso por parte dos docentes em sala de aula, a ideia de se ter uma educação por meio do recurso do cinema não é algo recente, já por volta do século XIX alguns pesquisadores já começavam a sugerir a realização de algumas pesquisas sobre esta abordagem, e atualmente este debate tem se tornado ainda maior, segundo Ramos, Araújo e Souza:

Embora o cinema ainda não seja reconhecido pelos meios educacionais como fonte de conhecimento, estes já estão imersos no meio escolar há algum tempo, normalmente trazido por professores em suas atividades pedagógicas normalmente amarradas a alguma temática ou conteúdo. Mas, é fato que o consumo de filmes em casa ou na escola faz parte da formação cultural de cada indivíduo (Ramos; Araújo; Souza, 2012, p. 2)

Entretanto, para Viana (2010), é preciso levar em conta que o cinema é um gênero híbrido, ao mesmo tempo que ele exerce uma função artística, ele também é um produto da indústria que tem a função de ser vendido. Por conta disso é necessário haver um esforço do docente em separar o que pode e o que não pode ser aproveitado em uma sala de aula, visto que:

O desenvolvimento da arte cinematográfica criou uma linguagem que, como toda linguagem, é uma elaboração para se chegar a um conhecimento, é um objeto cultural que não pode ser descontextualizado, com a função de reconstruir a realidade; é através da linguagem que nos integramos à nossa cultura, adquirimos identidade e internalizamos os sistemas de valores que estruturam nossa vida (Cipolini, 2008, p. 24).

Diante disto, é possível destacar a contribuição que o cinema possui para aguçar a capacidade cognitiva dos alunos, e certamente as temáticas que estivessem sendo abordadas através dele, podendo se constituir um significativo recurso pedagógico, pois é uma linguagem bastante clara e flexível quanto ao modo de abordar alguns temas que possam possibilitar ao professor realizar debates pertinentes, que vão além do que está sendo mostrado pelo filme.

De acordo com Bordwell e Thompson, (2013, p. 29) “filmes comunicam informações e ideias, e nos mostram lugares e modos de vida com os quais de outra forma talvez não tivéssemos contato”. Dessa forma, o cinema pode vir a ser um recurso de identificação do aluno com a sua própria realidade, trazendo elementos lúdicos, com características ligadas a história de seu país, seu povo, suas origens etc. Conforme a percepção de Ramos:

A ação da educação traz inerente a percepção do outro pelo vínculo altruísta. Esse “outro”, para quem o discurso educativo enuncia suas verdades, é o povo, definido como pólo passivo. Esse pólo recebe e tira proveito da condescendência de quem educa. A alteridade definida como “povo” existe a partir da ação altruísta do sujeito que educa. (...) educar, para no documentário da primeira parte do século XX, tem sua justificativa ética no conteúdo propriamente que está sendo veiculado, que possibilita a postura missionária do sujeito que o emite. Jamais na preocupação com a forma pela qual a representação do outro é mediada pela enunciação (Ramos, 2005, p.173).

O processo de enunciação do outro, faz com que o aluno compreenda as características de diferentes culturas através do cinema, pois é possível ter uma visibilidade sobre vários aspectos por meio das imagens e interpretação dos atores, com diálogos específicos que remetam a uma determinada comunidade, como por exemplo, a indígena.

Porém, Nascimento (2008), nos alerta que quando focamos em um personagem de um filme ou um tema ligado a ela, é preciso compreender que aquelas imagens não são um retrato fiel dela, e nem do que realmente aconteceu, por tanto, usar um filme em sala de aula só se torna viável quando é utilizado em conjunto com textos e havendo uma contextualização da sociedade contemporânea ao filme, proporcionando assim a compreensão do que está velado no filme.

## 2.2 A inserção do cinema nas escolas brasileiras entre os séculos XX e XXI

No Brasil, a educação e o cinema passaram a se correlacionar a partir do século XX, em que educadores, políticos, intelectuais e cineastas do país iniciavam os diálogos a respeito de sua implantação nas escolas. Assim, em 1910, o antropólogo e cientista Edgar Roquete-Pinto levou ao Museu Nacional uma filmoteca com objetivos pedagógicos (Catelli, 2005).

Após a revolução de 1930 houve a obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais nas principais sessões regulares de cinema, fomentando assim, a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), com base na lei 378 de 13 de janeiro de 1937. A instituição nasceu com o objetivo de direcionar a exibição de filmes específicos que pudessem ser trabalhados em sala de aula. (Leite, 2005). A iminência da ideologia política do Estado Novo fez com que o instituto mantivesse as suas atividades durante um período de 30 anos, com o apoio do governo para a sua manutenção.

No ano de 1938, Getúlio Vargas em um de seus discursos, evidencia a importância do cinema para a educação:

Elemento de cultura, influenciando diretamente sobre o raciocínio e a imaginação, êle [o cinema], apura as qualidades de observação, aumenta os cabedais científicos e divulga os conhecimentos das coisas, sem exigir o esforço e as reservas de erudição que o livro requer e os mestres, nas suas aulas, reclamam [...]. Êle aproximará, pela visão incisiva dos fatos, os diferentes núcleos humanos nos territórios vastos da República (Vargas, 1938, p. 183-189).

Ainda que a obrigatoriedade na exibição de filmes tenha surgido no governo ditatorial de Vargas como instrumento coercitivo pedagógico, o cinema começava a ganhar espaço nas escolas brasileiras, considerando a sua capacidade de despertar os conhecimentos do aluno de uma forma mais dinâmica, possibilitando uma aprendizagem que ia além do contato com os conteúdos propostos pelo livro didático, ampliando assim, as perspectivas de interatividade.

Complementando essas ideias, Duarte (2002, p. 17) assinala que: “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e

educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”.

A formação cultural é um dos pontos positivos que o cinema proporciona, pois é possível relacionar fatos históricos, entender os acontecimentos formativos da sociedade brasileira, além de se fazer comparativos com a historiografia do contexto no qual o aluno está inserido, e que cabe ao professor despertar a criticidade e uma aprendizagem significativa. Sob a ótica de Costa:

A importância de não permanecer no estágio da relação com o filme apenas como distração, mas usar criticamente as representações e a narrativa fílmica como elementos propulsores de debates temáticos é um exercício de ampliação das possibilidades do olhar e de desenvolvimento do senso crítico em relação ao consumo de bens culturais. Deve-se ressaltar que as discussões relativas ao cinema no contexto educacional, seja no ambiente do ensino das artes visuais ou de outras áreas do conhecimento, em sua maioria, são marcadas por orientações quanto ao uso das narrativas cinematográficas como estratégias para o desenvolvimento de conteúdos escolares, como ilustração de assuntos diversos, ou ainda ecoam as referências de análise de filmes, nas quais prevalecem os pontos de vista dos autores (Costa, 2009, p. 27).

Portanto, o filme é um recurso complementar para se trabalhar com o desenvolvimento de conteúdos escolares, sendo uma valiosa ferramenta para o ensino de História, com proposições que façam relação direta com o planejamento idealizado pelo professor. É fundamental a escolha de se trabalhar com o cinema como eixo de aprendizagem, ao mesmo tempo na prática de ensino e de pesquisa, fazer a seleção de filmes ficcionais e educativos.

Segundo Freire (1989) o cinema se configura com um potencial libertador, atuando diretamente na formação cultural humana e ética, pois é preciso formar alunos críticos, cientes de sua realidade e com a disposição de modificá-la de maneira significativa.

Avançando neste processo, adentramos ao século XXI, quando no Brasil foi criada a Lei do Cinema, fomentada pelo Projeto de Lei nº 185, de 2008, proposto pelo Senador Cristovam Buarque. O principal objetivo da lei era fomentar e regulamentar a utilização de filmes na educação básica. Em 26 de junho de 2014, após seis anos de debates, a presidente Dilma Rousseff promulgou a Lei 13.006, que trata sobre: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais.” (Brasil, 2014).

Desde então, a Lei 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, passou a vigorar com o acréscimo do parágrafo 8 ao art. 26, incorporando a prescrição da Lei 13.006/2014. Apesar da promulgação da lei, ela ainda não foi regulamentada e continua sem efeitos práticos nas escolas. Para Turner:

A complexidade da produção cinematográfica torna essencial a interpretação, a leitura ativa de um filme. Inevitavelmente precisamos examinar minuciosamente o quadro, formar hipóteses sobre a evolução da narrativa, especular sobre seus possíveis significados, tentar obter algum domínio sobre o filme à medida que ele se desenvolve. O processo ativo da interpretação é essencial para a análise do cinema e para o prazer que ele proporciona (Turner, 1997, p.69).

Dando continuidade ao papel que o cinema e os filmes possibilitam no processo ensino-aprendizagem, destaca-se conforme Duarte:

[...] o contato com filmes produz, num primeiro momento, apenas imagens – entendidos aqui como marcas, traços, impressões, sentimentos – significantes que serão lentamente significados depois, de acordo com os conhecimentos que o indivíduo possui de si próprio, da vida e, sobretudo, da linguagem audiovisual. O domínio progressivo que se adquire dessa linguagem, pela experiência com ela, associado a informações e saberes diversos significa e ressignifica indefinidamente as marcas deixadas em nós pelo contato com narrativas fílmicas (Duarte, 2002, p. 74).

Segundo este autor, “determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais” (Duarte, 2002, p. 19).

Na visão de Franco (2004) o contato do aluno com as tecnologias e as produções multimídias propostas na internet facilita consideravelmente a intimidade do aluno para com as propostas cinematográficas na escola, já que é necessário considerar que a bagagem cultural dos alunos vem sofrendo profundas transformações nos últimos anos devido à inserção tecnológica.

Nesse sentido, Bergala (2008) fala sobre a necessidade de o professor criar uma atmosfera em sala de aula que garanta a permanência no ar de uma parte do não-dito, ou seja, fomentando e instigando a capacidade interpretativa do aluno, considerando que alguns filmes incitam essa perspectiva, em que o espectador é livre para fazer suas próprias interpretações acerca do desfecho.

Complementando essas ideias, Lino (2014) apresenta algumas observações específicas a respeito da inserção do cinema nas salas de aulas brasileiras, como

por exemplo, a falta de domínio dos elementos cinematográficos por parte de muitos professores. Isso implica dizer que esse fator compromete uma aprendizagem assertiva, pois se o educador não consegue fazer uma ponte entre o filme exibido e o seu conteúdo, o aluno não compreende a relação entre ambos.

Corroborando com as proposições dos autores citados acima, é importante enfatizar que o cinema aguça a capacidade comunicativa e interpretativa do aluno, em que é possível formar hipóteses, imaginar novos horizontes a respeito da temática abordada em sala de aula, de modo que o discente ressignifique palavras, ações e contextos a respeito do que foi trabalhado no filme.

As experiências de aprendizagem através de filmes podem deixar marcas positivas e significativas nos alunos, quando estes são capazes de se identificarem com os personagens, suas histórias e conhecimentos, desde que a veiculação do filme seja abordada com a devida reflexão de sua construção cinematográfica. Nessa conjuntura, é possível afirmar que o cinema e a educação transitam em direções similares, interligando impressões, fomentando novos significados para a história e cultura do Brasil.

### **3 O CINEMA NA ESCOLA**

Os filmes proporcionam, portanto, uma mesclagem entre o mundo interno e externo, fazendo com que o aluno interrelacione esses dois mundos, compreendendo a lógica proposta pelo filme educativo, ao identificar elementos, cultura, costumes e histórias que fazem parte de sua vivência cotidiana, propiciando experiências que somente esta arte consegue despertar.

Nessa linha de raciocínio, Freire aponta que: “[...] um dos ângulos importantes, será o de provocar o reconhecimento do mundo, não como um ‘mundo dado’, mas como um mundo dinamicamente ‘dando-se’” (Freire, 1984, p. 94). Dessa forma, o cinema permite o reconhecimento do mundo do aluno, assim como a sua dinamicidade, ou seja, o professor pode trabalhar a multiplicidade de conhecimentos que vão sendo adaptados gradativamente ao contexto escolar por meio de filmes integradores às temáticas abordadas. À escola, em seu papel de instituição responsável na formação da sociabilidade, cabe ampliar o conceito de experiência e



aprendizagem, aproveitando seus potenciais. Assim, é um desafio para as instituições educacionais explorarem de forma adequada esses recursos.

A respeito da interpretação e discussão dos filmes com os alunos, Ostrower assinala que:

A percepção envolve um tipo de conhecer, que é um apreender o mundo externo junto com o mundo interno, e envolve, concomitantemente, um interpretar aquilo que está sendo apreendido. Tudo se passa ao mesmo tempo. Assim, no que se percebe, se interpreta; no que se apreende, se compreende. Essa compreensão não precisa necessariamente ocorrer de modo intelectual, mas deixa sempre um lastro de nossa experiência (Ostrower, 1993, p.57).

Sob essa ótica, Duarte (2002, p. 94) contribui dizendo que: “a maior parte dos filmes pode ser utilizada para discutir os mais variados assuntos. Tudo depende dos objetivos e conteúdo que se deseja desenvolver”. Isso implica dizer que a interdisciplinaridade pode ser aplicada através do cinema, de modo que os educadores entrelacem as suas propostas pedagógicas através da contextualização de vários assuntos diferentes que podem ser abordados e discutidos através do mesmo filme, fator que depende da forma como o planejamento para as aulas é realizado, assim como, os objetivos e conteúdo que precisam ser repassados. Dessa forma, Duarte afirma que:

O Cinema é um instrumento precioso [...] para ensinar a respeito de valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as práticas complexas. [...] [Os filmes] propiciam bons debates sobre os problemas que enfrentamos no dia a dia [...] podem despertar o interesse e estimular a curiosidade em torno de temas e problemas que, muitas vezes, sequer seriam levados em conta (Duarte, 2002, p. 90).

Dessa forma, o filme incita as múltiplas interpretações a respeito de um mesmo objeto, ação, situação, contexto, entre outros; e isso aguça as diferentes percepções, o respeito à diversidade de opiniões que podem surgir por meio dos debates em sala de aula, promovendo a interatividade e a tolerância aos pensamentos que se integram e divergem ao mesmo tempo (Mitchell, 2003).

Nessa conjuntura, Napolitano traz informações importantes sobre a inserção do cinema na escola, tratando sobre a importância da “Articulação com o currículo e/ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos; adequação à faixa etária e etapa específica da classe na relação ensino-aprendizagem” (Napolitano, 2003, p. 16).

Sendo assim, Napolitano (2009) apresenta duas formas diferentes de introdução do cinema em sala de aula. A primeira pode ser realizada através de um texto que gera debates acerca de temáticas previamente selecionadas pelo educador. E em um segundo momento, pode ser usado como produto cultural e estético, com representações sociais e apresentação de temas que permitam que o aluno desenvolva a sua criticidade social.

Uma das medidas mais recentes que relaciona o cinema à escola é amparada pela Lei 13006 de 26 de junho de 2014 que acrescenta o § 8º ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, a obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica e que apresenta o seguinte texto: “§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 02 (duas) horas mensais.” (Brasil, 2014).

De acordo com Silva (2015) a grande maioria dos educadores veem no cinema uma possibilidade de construção e enriquecimento do conhecimento em sala de aula, entretanto, um dos fatores que contribui para que essa prática não seja disseminada de forma mais comum é a falta de preparação e formações específicas que os permitam estar preparados para a utilização deste recurso, conforme será abordado na seção seguinte.

Conforme Oliveira (2015) o filme se caracteriza como uma tecnologia formadora capaz de impactar diretamente as percepções do aluno sobre o mundo, de modo que as práticas pedagógicas ganham novas proporções e o cinema se torne um recurso adicional que pode ser utilizado de maneira integrativa entre as disciplinas propostas no ambiente escolar.

Nesse contexto, é imprescindível que o educador atente para a adequação entre o filme a ser exibido com a faixa etária dos alunos em cada modalidade de ensino, tendo em vista que os filmes possuem classificações indicativas a respeito de imagens inapropriadas para certas idades, geralmente que tratam sobre conteúdos como sexo, aborto, drogas, tráfico, entre outros.

É fundamental que o aluno tenha contato com diferentes culturas e temáticas que circundam no meio social, despertando a sua curiosidade e interesse em compreender a diversidade humana, os seus aspectos formativos e a

importância do respeito ao outro, dos valores morais e sociais, dos aspectos historiográficos que compõem a sua realidade e a de outras pessoas. Para Costa:

Nos dias de hoje, com o surgimento e desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação e a intensa popularização da produção de ferramentas audiovisuais, torna-se facilitada a relação de uso do cinema na escola, demandando estudos que se debrucem sobre essa temática. A expectativa é que tais estudos e tal proposta (do uso do cinema na escola) contribuam para a compreensão de possibilidades didáticas e pedagógicas, no que concerne ao uso e produção de vídeos na ação docente. Pensando em propostas inclusivas, o uso de recursos audiovisuais pode ser um elemento importante, se usado de modo que de fato agregue vários sujeitos, como dispositivo favorecedor da aprendizagem (Costa, 2017, p. 5).

Uma das possibilidades criativas para o professor introduzir o filme em sala de aula é por meio da utilização da tecnologia, desde que o aluno seja contemplado desde o princípio, e que a escola possibilite meios possíveis de prática, algo que, em se tratando da realidade da educação pública brasileira, é um quesito bastante restrito, a julgar pela indisponibilidade de materiais para efetivação desse tipo de formato.

A Base Nacional Comum Curricular, em sua 5ª competência geral, aborda a questão de o aluno compreender o uso prático da tecnologia:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018, p. 18).

Quando o aluno é motivado a se auto questionar, a tendência é que se torne um jovem e um adulto investigador, que vai sempre procurar entender o porquê das coisas. Torna-se necessário, portanto, que o educador adeque a sua forma de trabalhar à realidade do aluno, buscando desde cedo fazê-lo compreender a importância da educação para um futuro promissor.

### **3.1 A formação pedagógica como possibilidade para a inserção do cinema em sala de aula**

As oficinas pedagógicas se configuram como oportunidades de aquisição de conhecimentos para o professor, servindo como base para que seu preparo didático seja ampliado, com a aquisição de novas ideias e metodologias a serem aplicadas em sala de aula, principalmente por se tratar de um processo dinâmico de troca de experiências sobre os instrumentos educativos.

Segundo Perrenoud (2000) as novas tecnologias reforçam a contribuição dos trabalhos pedagógicos contemporâneos. Através das oficinas pedagógicas, os educadores podem criar situações de aprendizagem em que essa nova realidade seja inclusiva, pois o aluno chega no ambiente escolar com um conhecimento muito mais apurado no mundo contemporâneo, se compararmos com décadas passadas.

Nessa mesma linha de pensamento, Imbernón aponta que:

O tipo de formação inicial que os professores costumam receber não oferece preparo suficiente para aplicar uma nova metodologia, nem para aplicar métodos desenvolvidos teoricamente na prática de sala de aula. Além disso, não se tem a menor informação sobre como desenvolver, implantar e avaliar processos de mudança (Imbernón, 2002, p. 41).

Face a essas colocações, ressalta-se a necessidade de preparo dos professores no que diz respeito às diferentes metodologias a serem implantadas em sala de aula, uma vez que as que já possuem ainda são insuficientes, principalmente no que diz respeito às possibilidades de utilização do cinema nas escolas, tendo em vista que é necessário acompanhar esse processo construtivo que possui novos formatos pedagógicos. Quando o educador não consegue avaliar de forma sistemática os processos de mudança em sala de aula, naturalmente é insuficiente em sua didática, pois a adaptabilidade frente à pluralidade de informações com as quais os alunos têm contato todos os dias necessitam ter o seu devido espaço no âmbito escolar.

De acordo com Moran (2004) é necessário que se desconstrua essa ideia de que muitos professores se limitam a apenas repetir o que os demais colegas já fazem no ambiente escolar, sem se darem chance para inovar os seus procedimentos, explorando assim, novos percursos para a aprendizagem, como é o caso da inserção do cinema em sala de aula. A educação vem passando por inúmeras transformações ao longo dos anos, e isso traz novas possibilidades, tanto para os educandos, quanto para os professores. O certo é que essa relação precisa estar cada vez mais afinada e em harmonia, a fim de que o ensino-aprendizagem

seja priorizado e suscite nos alunos o desejo real de desenvolver as suas habilidades.

Dessa maneira, Carbonell (2002) afirma que os educadores não podem seguir um modelo educacional baseado no passado, em que se pretendia apenas ensinar a ler, escrever e contar, mas sim, olhar para o presente e para o futuro, compreendendo que a educação de hoje necessita formar seres humanos capazes de exercerem a sua cidadania, com consciência social e capacidade crítica evoluída, a fim de que consigam interagir com as problemáticas surgidas constantemente na sociedade.

Para Paviani e Fontana (2009) as oficinas pedagógicas visam contribuir para a construção e produção de novos conhecimentos, dado que, é um momento em que os educadores podem trocar experiências, com entretenimento e aplicação de práticas assertivas, tanto no campo teórico quanto prático da profissão. Os professores recém-formados que entram em sala de aula carecem ainda mais de participação em oficinas pedagógicas, a fim de conseguirem integrar os conhecimentos adquiridos, compreendendo de que maneira as teorias aprendidas durante o curso de Licenciatura convergem com a realidade prática da profissão.

Sendo assim, as oficinas pedagógicas se constituem como momentos de formação com grandes possibilidades de aprendizagens, fazendo uso de diferentes ferramentas, conforme Anastasiou e Alves:

Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva (Anastasiou; Alves, 2009, p. 95).

Desse modo, o professor deve ter acesso a várias possibilidades que podem ser agregadas à sua didática e metodologia, podendo planejar aulas com a inserção de filmes, tornando-as mais lúdicas, com a presença de instrumentos pedagógicos valiosos para a aprendizagem. É importante que o educador esteja atento também às mudanças nos currículos e a aplicabilidade dos conteúdos baseados na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, e no Documento Curricular do Território Maranhense – DCTMA (2019), a partir da realização de planejamentos com objetivos precisos e claros sobre o que se deseja alcançar com os alunos.

Nesse sentido, Camargo e Daros (2018) defendem que a interação em sala de aula pressupõe a incorporação de novos conhecimentos. A interdisciplinaridade é

um elemento decisivo para a educação contemporânea, pois através dela, conseguimos integrar as disciplinas, fazendo com que o aluno compreenda que todos os conhecimentos possuem uma inter-relação, e que para aprender História, precisa de Língua Portuguesa, por exemplo, e assim, sucessivamente.

O uso de aplicativos e de tecnologias digitais são elementos que podem auxiliar nesse processo educacional contemporâneo. Entretanto, o professor precisa adentrar a sala de aula devidamente preparado para utilizá-los de forma adequada. Esse fator é imprescindível, considerando que muitos alunos não possuem consciência das possibilidades criativas que podem desenvolver a partir desses aparatos, e o educador é a ponte entre o educando, as novas mídias digitais e o cinema na escola.

### **3.2. As políticas educacionais: proposições para o ensino da história a partir de alguns filmes**

As políticas educacionais que incentivam a utilização do cinema como recurso didático são relativamente novas, necessitando assim, que os educadores se familiarizem com essa nova realidade, combinando as ideias sobre o conteúdo abordado e o material disponível para a utilização.

Cabe ressaltar que a construção de políticas educacionais passa ser uma preocupação a partir da promulgação da Constituição Federal (CF) de 1988, que já apontava para a necessidade de haver um documento norteador da prática docente, que garantisse um padrão de equidade entre as diversas regiões do território brasileiro. Isso pode ser verificado no Art. 210, quando este fala que “serão fixados conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (Brasil, 2016, p.124). Essa ideia veio a ser reforçada, oito anos após, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.934 de 1996 (Brasil, 1996)

A partir de 1997 foram criados, pelo governo federal, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), trazendo orientações para todas as áreas do conhecimento, acrescidos dos temas transversais que compõem o currículo. Eles

foram apresentados como instruções, não possuindo obrigatoriedade quanto a sua aplicação.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o aluno deve ser estimulado para saber, perceber e distinguir sentimentos, sensações, ideias e qualidades. Nesse quesito, o educador da área de História precisa criar condições para que as suas turmas construam e reconstruam conceitos relacionados à disciplina (Brasil, 1997).

O currículo escolar da disciplina de História deve ser um norteador de como as aulas são conduzidas. Nesse ponto, o educador deve estar atento à realidade local, para que o seu ensino não fuja completamente do contexto em que o aluno convive. O conhecimento, por exemplo, das lendas que compõem a comunidade, da sua formação historiográfica contribuem para situar a aprendizagem da disciplina de uma forma mais assertiva.

Em 2010 surgem as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), leis que determinam as metas e objetivos a serem alcançados no decorrer da educação básica. Essas diretrizes oferecem orientações para o planejamento do que deve ser trabalhado nos currículos, tendo em vista a já falada base comum para o território brasileiro (Brasil, 2010).

Outra lei importante que rege a educação brasileira, é o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei 13.005 de 25 de junho de 2014, que estabelece diretrizes e um total de vinte metas a serem alcançadas em um prazo de dez anos a partir de sua publicação, bem como as estratégias para que isso aconteça. É importante ressaltar que algumas dessas metas fomentam também a necessidade de implementação de uma Base, como é o caso da meta 7, que trata sobre a melhoria na qualidade da educação em todas as etapas e modalidades, apresentando como primeira estratégia:

Estabelecer e implantar, mediante pactuação inter-federativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos (as) alunos (as) para cada ano do ensino fundamental e médio, respeitada a diversidade regional, estadual e local (Brasil, 2014, p. 2).

É importante conhecer esse percurso histórico, pois ele mostra que a BNCC, tal como a conhecemos hoje, não é algo que surgiu da noite para o dia, foi uma construção de natureza política respaldada em documentos anteriores, que nasceu

de uma necessidade latente e há muito identificada.

Ressalta-se, no entanto, que este documento é motivo de amplos debates no meio educacional, alavancados por preocupações a respeito de que tipo de educação vem a ser privilegiada no ensino por competências. Ferraz (2019), por exemplo, destaca que essa forma atende fortemente à política capitalista e que a existência de um currículo mínimo pode resultar na supressão da autonomia docente.

Giaretta (2022) concorda que toda essa mobilização de reforma curricular está diretamente ligada às ideias do neoliberalismo. Segundo o autor, “essa reforma curricular foi produzida sob forte incidência consensuada dos agentes locais de mercado, representativos da denominada governança supraestatal e transnacional” (Giaretta, 2022, p. 341).

É imprescindível haver esses debates e contraposições de ideias, pois a BNCC certamente não é a solução de todos os problemas que o país enfrenta. No entanto, sabe-se que é por meio da educação que se pode buscar uma sociedade mais justa e igualitária, e a Base pode ser o início da mudança que a comunidade de educadores tanto almejam.

### **3.2.1. O cinema como recurso auxiliador de uma escola multicultural**

A década de 80 marca um novo momento para a popularização do cinema no Brasil. Com o fim da censura, a televisão aberta e os cinemas podem exibir os filmes que desejarem. Além disso, a chegada do videocassete e das videolocadoras ampliam o acesso ao cinema dentro de casa. Filmes como *A Conquista do Paraíso*, passam a fazer parte dos currículos escolares, abrindo diferentes possibilidades de discussões sobre os conteúdos. Apesar disso, a produção nacional é muito pobre, herança das políticas anteriores (Costa, 2011).

A escola é um ambiente privilegiado de socialização, que contribui cotidianamente para que os alunos conheçam os outros e a si. É no cotidiano escolar que são reproduzidos os conceitos da sociedade. Com isso, na escola são apresentadas "visões de mundo, estilos de vida, crenças, costumes, cores, etnia e todos os aspectos que compõe a cultura frequentam, diariamente, as salas de aula" (Candau, 2002, p. 43) A prática docente deve compreender sua ação no processo



de ensino e aprendizagem, utilizando metodologias que possam dar suporte aos alunos a partir das culturas diversificadas.

Entende-se que valorizar as características da comunidade a qual pertence é essencial para a produção do conhecimento contextualizado em sala de aula. Em muitos casos, percebe-se que o professor não valoriza o conhecimento de mundo do aluno, preocupando apenas em repassar os conteúdos propostos pelos livros didáticos, que, muitas vezes, não condizem com a realidade do educando.

A importância de se trabalhar um currículo multicultural também é imprescindível, pois, como apresentam Lopes e Macedo (2011, p.203), “o currículo é, como muitas outras, uma prática de atribuir significados, um discurso que constrói sentidos, é ele, portanto uma prática cultural”.

“O ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições da diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro” (Brasil, 1998). O parecer, especificamente na área da educação, busca atender à demanda dos grupos que sofreram ou sofrem algum tipo de segregação social, com a germinação e implementação de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas que possam quebrar os paradigmas sociais instaurados.

De acordo com Nóvoa:

As situações conflitantes que os professores são obrigados a enfrentar e resolver apresentam características únicas: o profissional competente possui capacidade de autodesenvolvimento reflexivo(...) A lógica da racionalidade técnica opõe-se sempre ao desenvolvimento de umas práxis reflexiva (Nóvoa, 1997, p. 27).

No contexto escolar, esse processo de aceitação ou rejeição de conceitos depende da bagagem trazida pelo aluno ao entrar em contato com os conceitos abordados na escola, podendo a partir daí reafirmar conceitos antigos enquanto verdades ou formular novas inferências a serem realizadas. O educador, ao adotar suas metodologias deve estar consciente de que estas são carregadas de significações que serão decodificadas pelo aluno e que a sua intermediação pode produzir conhecimento e reestruturar conceitos.

As experiências produzidas através da relação interpessoal estabelecida entre o professor e o aluno são enriquecedoras, já que propiciam oportunidade de mútua troca de conhecimentos e, muitas vezes, o educador mais aprende do que ensina no ambiente escolar, dadas às infinitudes de personalidades encontradas nas mais diversas salas de aulas.

Ao compreender a sua formação histórica, o aluno consegue fazer uma comparação com as formações de outras comunidades e povos, promovendo a construção de conceitos mais amplos que não sejam reduzidos apenas ao seu local de origem.

O educador de História pode e deve inovar em suas aulas, aderindo aos instrumentos lúdicos que facilitem a aprendizagem, como por exemplo, a visita aos pontos históricos da cidade para sair um pouco da rotina de sala de aula, propor jogos de memórias com as que compõem a historiografia da comunidade, competições de perguntas e respostas sobre a cultura indígena, entre outros. A análise da perspectiva histórica da educação é o que permite que o professor tenha uma visão ampla sobre as metodologias que já foram aplicadas em tempos mais remotos e as que são aplicadas na contemporaneidade, com vistas a perceber o porquê de terem sido abortadas determinadas práticas que não traziam os resultados esperados (Meirelles, 1997).

Nota-se que o envolvimento do professor é ponto chave para um real desenvolvimento de atividades de teor didático-pedagógico no cotidiano escolar no tocante a atividades interdisciplinares que reconheçam as diversas práticas culturais presentes no âmbito social. Em relação a esse aspecto, observou-se a importância de se pensar em mudanças na formação que venham formular uma proposta pedagógica que vise a implementar e desenvolver o trabalho com a diversidade étnica na sala de aula. Trata-se aqui de pensar a formação do professor, pois este está inserido em um contexto complexo e plural. Sobre isso, Candau afirma que:

A instituição escolar está construída sobre a afirmação da igualdade, enfatizando a base cultural comum à que todos os cidadãos deveriam ter acesso e colaborar na sua permanente construção. Articular igualdade e diferente, a base cultural comum e expressões da pluralidade social e cultural, constitui hoje um grande desafio para todos os educadores (Candau, 2002, p. 85).

Torna-se importante a formação de profissionais que valorizem o potencial de desenvolvimento de cada aluno, sem distinção de faixa etária, classe social, cor ou diferenças culturais, isto é, profissionais que atuem em base aos valores de amor ao próximo, justiça, solidariedade, de responsabilidade e de respeito pelo outro, pelo diferente, e disseminem esses valores aos seus educandos.

### **3.2.1.1 Exemplos de filmes que podem ser trabalhados em sala de aula: “A Conquista do Paraíso”**

Primeiramente é necessário esclarecer os termos “conquista” e “descoberta” do Brasil, a diferenciação entre os termos é fundamental para uma compreensão mais precisa dos eventos históricos que marcaram o início da colonização do país, enquanto "descoberta" sugere uma perspectiva eurocêntrica, na qual os europeus se percebem como os primeiros a encontrar terras até então desconhecidas, o termo "conquista" implica um processo de dominação e subjugação dos povos nativos que já habitavam essas terras. A ideia de "descoberta" desconsidera a presença milenar dos povos indígenas no território brasileiro, enquanto a "conquista" reconhece sua existência e a violência sofrida por eles durante o processo de colonização. Essa distinção nos ajuda a problematizar a narrativa eurocêntrica da história do Brasil e a valorizar a perspectiva e a resistência dos povos indígenas, cujas culturas e territórios foram profundamente impactados pela chegada dos colonizadores europeus.

O filme “A Conquista do Paraíso” tem sido amplamente utilizado para complementar as aulas de História. O filme pode ser abordado em etapas para facilitar a compreensão do aluno. Inicialmente, a história conta sobre a saída de Cristóvão Colombo para as novas terras, até a sua chegada ao Novo Mundo e o regresso para a Espanha levando as novas informações a respeito de sua descoberta.

Nesse sentido, os alunos podem discorrer sobre as suas percepções diante dos acontecimentos que o navegador repassa ao retornar de viagem, compreendendo como ocorreu o processo de descoberta das novas terras, assim como, se familiariza com a ótica desenvolvida pelo personagem para a descrição de suas experiências, evidenciando a visibilidade que se tinha naquele período a respeito dos costumes, cultura e tradições indígenas.

Conforme Costa:

Quando assistimos um filme, devemos desconstruir suas partes, desconstruir sua representação do real, decupando-o quase que à maneira dos cineastas. Então, bom seria se fôssemos historiadores-cineastas e entendêssemos perfeitamente sobre as técnicas da decupagem, trocando de papéis, como os diretores e os atores fazem - e reconstruir com interpretações novas. A linguagem fílmica em sala de aula, enquanto representação do real dada pelo instrumento do filme, é um oceano de possibilidades para o conhecimento (Costa, 2011, p. 72).

A desconstrução das partes precisa ser intermediada pelo professor, de modo que os alunos compreendam como cada cena ou descrição da realidade compõem todo o conjunto da obra e a mensagem que se deseja passar com o filme.

### **3.2.1.2 Exibição do documentário “Antes do Brasil”**

O primeiro episódio – Antes do Brasil — Cabo Frio, 1530 – trata das complexas relações entre europeus e indígenas nos primórdios da Conquista. Mostra índios Tupinambás e a captura do alemão Franz Hassen. Mostra valores da cultura indígena, e geralmente é utilizado na íntegra ou em trechos, em função dos objetivos didáticos do professor, sendo um suporte para apoiar a Educação Escolar Indígena.

Com a proposição do filme é possível desenvolver as seguintes habilidades sugeridas pela BNCC: (EF07HI09) analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias; (EF07HI08) identificar as formas de resistência; descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vista à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências.

Através do documentário é possível trabalhar com os alunos sobre as temáticas que envolvem a fragilidade das relações humanas na nova terra, a disputa pelas riquezas naturais, assim como, o desrespeito aos costumes, cultura e religiosidade dos indígenas.

É possível perceber como o território que viria a se tornar o Brasil do futuro delineou as relações estabelecidas entre os europeus e os indígenas, com enfoque nas relações de trabalho, relações de poder e nas relações culturais.

Em se tratando do professor de História, é imprescindível que se domine os conteúdos a serem ministrados, compreendendo a realidade em que os alunos estão inseridos, com vistas a propiciar momentos de aprendizagem que desenvolvam a capacidade perceptiva diante da sociedade, a fim de que o discente não apenas conheça os assuntos, mas sim, seja capaz de formar suas próprias opiniões críticas sobre o que lhe é repassado.

Destaca-se, dentre os resultados obtidos, que a ausência da temática em sala de aula está relacionada com as suas formações iniciais e continuadas e com a necessidade de elaboração de projetos coletivos da escola em torno do tema. Trabalhar a diversidade é valorizar a história de vida tanto do educando quanto do educador; diante disso, seria necessário que a escola atentasse para o desenvolvimento de ações reais que viessem a valorizar os sujeitos presente em seu espaço a fim de que as culturas locais possam ser mais afirmadas e fortalecidas (Nascimento, 2008).

Desse modo, o professor como orientador de aprendizagem deve sempre considerar os diferentes níveis de apreensão de conteúdos apresentados pelos alunos, já que cada um possui um conhecimento de mundo prévio que influenciará consideravelmente a formação de seus conceitos a respeito dos filmes que podem ser utilizados para a aprendizagem, bem como, cada aluno detém um ritmo de aprendizagem diversificado, que deve ser correspondido e respeitado tanto pelos colegas quanto pelo professor.

Partindo do ponto de vista de Meirelles (1997) quando defende que o cinema é um poderoso instrumento de influência individual e coletiva, e que exerce uma importante função social e na forma como a sociedade vê o mundo. É necessário pensar no papel e qual o lugar que os povos indígenas ocupam na História do país, e quais as construções e preocupações que os docentes devem ter em relação ao ensino da história destes povos através da ferramenta do filme em sala de aula.

É necessário comentar que nos últimos anos houve uma certa mudança na historiografia, tem ocorrido uma grande incorporação de novos debates, mas certamente ainda existe pouco espaço para a questão dos povos indígenas.

Para Davis (2001) no período colonial, o índio não necessitava ser escravizado para aderir ao Cristianismo. Entretanto, muito da cultura dos indígenas que habitavam as terras brasileiras foi se perdendo ao longo dos séculos, seus costumes, sua cultura e sua religiosidade cultuadas antes da chegada do homem branco, foram sendo gradativamente sobrepostos pelos conceitos católicos.

Todavia é necessário afirmar que na verdade o que houve foi uma hibridização cultural entre os povos europeus e os indígenas, foi um fenômeno complexo e ambíguo que envolveu tanto a assimilação de elementos culturais quanto a resistência e preservação das identidades originais. Essa interação

resultou em uma troca dinâmica de conhecimentos, práticas e valores, onde ambas as culturas compartilharam e influenciaram-se mutuamente, por um lado, os europeus introduziram novos costumes, línguas, religião e tecnologias, impactando significativamente a vida dos povos indígenas, da mesma forma, os indígenas também contribuíram com seus conhecimentos sobre a natureza, medicina tradicional, técnicas agrícolas e cosmologias, que foram assimilados e adaptados pelos colonizadores. Pode-se observar que o cruzamento entre o conhecimento dos indígenas e dos europeus abriu espaço para um potencial intercâmbio de saberes, propiciando trocas culturais significativas. (BURKE, 2008). Essa hibridização cultural não se deu de forma homogênea, variando de acordo com o contexto histórico, geográfico e as relações de poder entre os diferentes grupos, assim, é importante compreender a hibridização cultural como um processo ambíguo e multifacetado, que reflete as complexas dinâmicas de interação entre diferentes culturas ao longo do tempo.

Dessa forma, Freire (1996, p.42) aponta que: “A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista [...]”. Isso implica dizer que a escola necessita reproduzir relações em que os indivíduos se sintam representados e partícipes das relações construídas, para que a formação da sua identidade cultural esteja de acordo com a sua realidade vivenciada em sociedade.

Com relação a isso é importante ressaltar que “a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído” (Silva, 2012, p. 89). Diante disso, traz-se a questão de identidade étnica, de classe, ou seja, os meios simbólicos nos quais vivemos na sociedade. Pensar em identidade no contexto escolar leva a pensar nos sujeitos e, em se tratando de identidade, o olhar foca nos grupos de pertencimento, pois na prática escolar as identidades também marcam o professor; no contexto da diversidade cultural, o sugerido é reconhecer todos em sua diferença.

O trato da identidade cultural não pode ficar a critério da boa vontade ou da intuição de cada um. “Ele deve ser uma competência político-pedagógica a ser adquirida pelos profissionais da educação nos seus processos formadores” [...] (Gomes & Silva, 2002, p. 29-30). As autoras ressaltam que a questão da diversidade não pode ser renegada, e sim o educador no seu processo de formação necessita

adquirir conhecimento, para posteriormente desenvolver as suas práticas pedagógicas. Sob essa ótica, Silva assinala que:

Acrescente-se, ainda, a facilidade de acesso cada vez maior a filmes e a meios de produção de vídeos digitais através de ferramentas disponibilizadas na internet (possibilitada também pelo crescimento do consumo de equipamentos tecnológicos como celulares e computadores); a presença de uma agenda de eventos com programação cinematográfica, nos cinemas e em espaços culturais, direcionada para o público infantil<sup>8</sup>; e, no caso do ensino de história dos povos indígenas, a imensa variedade de filmes realizados por grupos indígenas, contando sua própria história e mostrando sua própria cultura, disponíveis gratuitamente em sites como o Vídeo nas aldeias, Youtube ou Vímeo (Silva, 2014, p. 22).

Nota-se que em algumas escolas falta uma integração entre a comunidade e a escola, e esta parceria tem que existir, pois o ambiente escolar é um espaço sociocultural de diferentes saberes, práticas educativas e identidades, de acordo com a concepção de Diniz e Souza (2016). O currículo deve ser trabalhado com a finalidade de contemplar a inclusão da cultura indígena e de várias outras culturas que se formaram no decorrer do processo histórico de construção das identidades, e as práticas pedagógicas dos professores devem levar em consideração que o alunado tem os seus saberes culturais e precisam ser trabalhados e respeitados.

## **4 PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS PARA O USO DE FILMES NO ENSINO DE HISTÓRIA: Trabalhando a questão indígena em sala de aula**

Neste capítulo, busca-se analisar o cinema como ferramenta metodológica para o ensino da história, possibilitando trabalhar a história dos povos indígenas e sua cultura em sala de aula.

Destaca-se que a utilização de filmes no processo ensino-aprendizagem requer procedimentos metodológicos que precisam constar no planejamento da escola e do professor para as suas aulas, contemplando objetivos, roteiro e recortes, pois os filmes, ao contrário de curtas-metragens, possuem longas horas de duração, o que os tornam inviáveis de se trabalhar em uma única aula, geralmente de 50 min.

Nesse sentido, a luz de alguns autores, como Diniz e Sousa (2016); Bergala (2008); Candau (2002), construímos um planejamento de atividades para se trabalhar com o filme em quatro momentos:

- (1) Primeiro Momento – a ministração de uma aula expositiva sobre a história indígena e sua cultura;
- (2) Segundo Momento – a exibição do filme “Xingu”;
- (3) Terceiro Momento – a discussão das questões centrais que versam sobre o filme;
- (4) Quarto Momento – a aplicação do questionário para obtenção de feedback dos estudantes.

O público-alvo da pesquisa para a aplicação do questionário foram os alunos do 6º ano do instituto socio educacional Betel, localizada no bairro do João Paulo na área metropolitana de São Luís, Maranhão. Os questionários foram compostos por três partes, na primeira foi realizada a apresentação do trabalho, identificando a instituição a qual o trabalho se destina; a segunda parte corresponde às informações básicas do entrevistado, como idade e sexo, e na terceira parte constam as cinco perguntas relativas à veiculação do filme em sala de aula, tratando das questões indígenas que foram ali levantadas compreendidas durante a reprodução de tal.

Esta pesquisa foi desenvolvida em formato bibliográfico e de campo. O método destaca a relevância do problema, um plano de observações ou variáveis destinadas a confirmar ou refutar as hipóteses previamente elaboradas (Knechtel, 2014). A metodologia engloba a fase exploratória, bem como os estabelecimentos de critérios de amostragem, selecionando as ferramentas e o caminho a ser percorrido para a coleta e análise dos dados.

Nessa fase, constam todas as informações imprescindíveis para a realização do trabalho, seja ele teórico ou empírico. É possível ainda destacar nessa fase os vários elementos, tais como os instrumentos (métodos e técnicas), os objetos (materiais) e as referências teóricas. A metodologia é o estudo dos instrumentos de montagem de uma teoria ou o estudo dos procedimentos para atender a certas necessidades, expostas na pesquisa (Demo, 2013).

Durante a pesquisa foram realizadas leituras de materiais na tentativa de refletir sobre a importância da utilização do cinema como recurso metodológico para o ensino de história e o debate sobre os povos indígenas, partindo de preocupações com o uso e ocupação de seus ambientes originários.



Assim, ao acompanhar esse processo, todos os fatores que construíram essa pesquisa foram considerados e observados, através das impressões observadas através das respostas dos alunos. Os dados coletados para compor esse estudo compreendem os questionários aplicados com os alunos após a exibição do filme, preservando a identidade de todos os envolvidos.

O instrumental utilizado (questionário, entrevista etc.), fornece um suporte para compreender com mais assertividade os fatores que se relacionam à problemática (Minayo, 2017). Isso implica dizer que, como o próprio nome afirma, no estudo e na análise dos métodos qualitativos que compõem o trabalho no passo a passo, em que foram discriminadas todas as fases de elaboração do trabalho, incluindo os equipamentos, as ferramentas, os tipos de pesquisas, enfim, todo o aparato informacional necessário à elaboração, bem como ao desenvolvimento da pesquisa, seja ela documental ou de campo.

A escola como um espaço sociocultural de diferentes saberes, práticas educativas e identidades, deve orientar as práticas pedagógicas e, conseqüentemente o próprio currículo para contemplar esta diversidade que se apresenta como processo histórico do nosso país, particularmente, no que tange a diversidade étnico-racial como característica da nossa sociedade (Diniz; Souza, 2016).

A percepção sobre os conhecimentos prévios trazidos pelo aluno de casa e que são relevantes para o efetivo contato com o material abordado pelo professor são de fundamental importância para o sucesso da aprendizagem, pois facilita mais ainda a compreensão. Porém, quando não há nenhum tipo de conhecimento do aluno a respeito do filme que será repassado, o educador precisa estar bem familiarizado com o assunto para explicar primeiramente o contexto ao qual o texto se enquadra, para que os alunos consigam situar o conteúdo em seus cotidianos.

Em nossa experiência de sala de aula, o filme que escolhemos para tratar sobre a questão indígena foi "Xingu". A história do filme retrata a saga dos irmãos Villas Boas, Claudio, Leonardo e Orlando, que partem para uma expedição rumo à região amazônica no ano de 1940, com o intuito de desbravar a região para a construção de uma base aérea.

A escolha do filme "Xingu" como ferramenta para o ensino de história e para abordar o debate sobre os povos indígenas se deu por diversos motivos significativos. Primeiramente, o filme retrata de forma bastante acessível e

envolvente um período crucial da história do Brasil: a construção da rodovia Transamazônica e o contato entre os irmãos Villas Boas e as diferentes comunidades indígenas da região do Xingu, essa narrativa histórica proporciona aos alunos uma compreensão mais profunda sobre os desafios enfrentados pelos povos indígenas durante o processo de colonização e os impactos do desenvolvimento na Amazônia.

Além disso, "Xingu" oferece uma oportunidade única para os alunos explorarem a diversidade cultural e étnica do Brasil, destacando a riqueza e a importância das diferentes tradições e modos de vida das comunidades indígenas, através das experiências vividas pelos personagens do filme, os alunos podem ampliar sua visão sobre a história do país, reconhecendo a contribuição dos povos indígenas para a formação da identidade nacional e refletindo sobre as questões contemporâneas que afetam essas comunidades.

O filme "Xingu" é uma obra que busca retratar a importante história dos irmãos Villas Boas e sua relação com os povos indígenas do Xingu, apesar de oferecer uma visão inspiradora sobre a coragem e dedicação desses personagens na defesa dos direitos dos indígenas e na preservação da cultura e das terras desses povos, algumas críticas podem ser apontadas. Em certos momentos, o filme tende a romantizar a relação entre os irmãos Villas Boas e os indígenas, simplificando as complexidades das interações culturais e dos conflitos envolvidos na demarcação de terras indígenas.

A narrativa do filme pode ser criticada por sua abordagem limitada, que tende a focar mais na perspectiva dos colonizadores do que na voz dos próprios indígenas, embora ofereça uma visão geral dos desafios enfrentados pelos povos indígenas e das injustiças históricas cometidas contra eles, o filme poderia explorar de forma mais aprofundada a diversidade e a complexidade das culturas indígenas, bem como os impactos do contato com os colonizadores na vida desses povos.

**Figura 1:** Cartaz do filme Xingu



**Fonte:** Site Wikipédia (2011)

O principal objetivo dos irmãos era a ocupação de terras indígenas que, de acordo com o presidente Getúlio Vargas, era um espaço sem dono. Entretanto, Felix afirma que:

Ao chegarem à aldeia indígena, os índios são contaminados com o vírus da gripe, pois não tinham imunidade para tal doença, metade da aldeia é morta, os irmãos então convocaram médicos e enfermeiras para imunizar as pessoas que lá viviam. O governo prossegue então com sua missão de recolonizar aquele local, construindo uma base na área e na serra do cachimbo abre estradas, desmata florestas para produzir grandes plantações de soja, em nome do progresso (Felix, 2019, p. 23).

Dessa forma, os irmãos Villas Boas ao se depararem com uma realidade diferente daquela apresentada oficialmente pelo presidente, os irmãos passam a defender os indígenas que ali viviam, solicitando a devida demarcação das terras que lhes pertencia.

Porém, essa luta não foi tão fácil, pois somente após a posse do novo presidente Jânio Quadros, os indígenas tiveram os seus direitos reconhecidos através de um decreto federal, este reconheceu os direitos dos indígenas e demarcou as terras, resultando na criação do Parque Nacional do Xingu, este foi o Decreto Federal nº 1.775, de 15 de junho de 1961. Este decreto foi um marco importante na história da preservação e reconhecimento dos territórios indígenas no

Brasil, proporcionando proteção legal às comunidades e à diversidade cultural presente na região do Xingu.

## **4.1 A Metodologia adotada na exploração do filme “Xingu”**

A abordagem metodológica para a utilização do filme “Xingu” como ferramenta pedagógica para o entendimento das lutas empreendidas em torno da política de ocupação das terras dessa região no Amazonas, ocorreu nos diferentes momentos citados acima. No primeiro momento trabalhamos com a aula expositiva sobre os indígenas e as lutas travadas para o reconhecimento de seus direitos, destacando nesse contexto a criação do Parque Nacional do Xingu. Após a aula, foi entregue um texto de Rebeca Roysen (2015) com comentários sobre o tema da reserva do Xingu, com o objetivo de oferecer uma análise sobre como se deu a construção da história retratada no documento cinematográfico. (Em Anexo)

Foi ministrado em um primeiro momento uma aula (plano de aula em Anexo) sobre a marcha para o Oeste, começamos relembrando a história e a importância dos povos indígenas no Brasil, mergulhando em suas culturas e tradições milenares, assim como as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades, de maneira que fosse estendido o conteúdo da aula para facilitar a contextualização do tema.

Também foram compartilhados histórias e fatos sobre os povos indígenas do Xingu, foi explicado como a região era habitada por diferentes etnias, cada uma com suas línguas, costumes e modos de vida únicos, desde os Kayapós até os Kuikuros, cada povo tinha sua própria forma de compreender e interagir com o mundo ao seu redor. Ao final da aula, os alunos estavam ansiosos para mergulhar de cabeça no filme "Xingu" e vivenciar, através das telas, as aventuras e desafios enfrentados pelos irmãos Villas Boas e pelos indígenas do Xingu. Mais do que uma simples aula, aquele momento representava uma jornada de aprendizado, empatia e descoberta, onde todos estavam prontos para se deixar envolver pela riqueza cultural e humana

dos povos indígenas.

Em um segundo momento foi utilizado o próprio cinema como metodologia com a exibição do filme Xingu (2013) analisando-o criticamente e discutindo em sala de aula com os alunos sobre a sua abordagem. Destacando-se principalmente, às dificuldades e os preconceitos vividos pelos povos indígenas no Brasil, tratando da construção de imagens acerca do índio brasileiro, como representações que são construções sociais e culturais de diferentes momentos da sociedade brasileira, construções estas que trazem visões intrinsecamente ligadas às relações de poder.

Em um terceiro momento, após a reprodução do filme em turma, foi aplicado um questionário aberto com os alunos, com a finalidade de analisar os respectivos pontos de vista dos mesmos acerca da importância do filme Xingu como ferramenta a ser trabalhado em sala de aula, propiciador de diferentes análises e reflexões sobre os episódios que envolvem o filme e quais opiniões foram levantadas por eles.

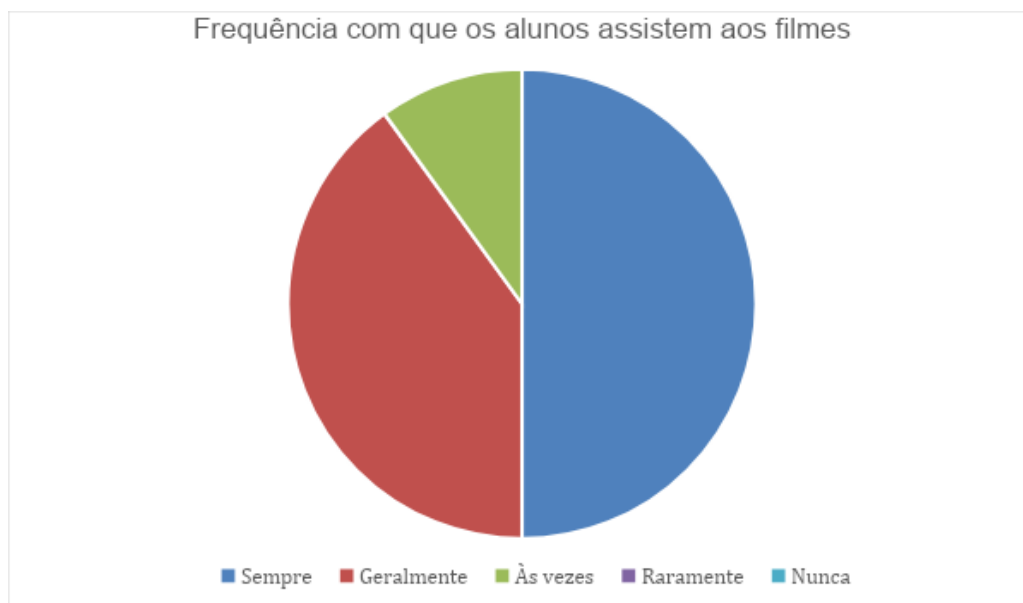
## **4.2 A Aplicação do Questionário: resultados e discussão**

Não é incomum ouvir de alunos na escola, que o ensino de História é chato, cansativo e até desnecessário, diante disso, se faz necessário utilizar metodologias que sejam atrativas para o processo de ensino, principalmente para uma geração que tem acesso o tempo todo a informações e diferentes conhecimentos através da internet. E é exatamente neste contexto que a utilização de filmes na sala de aula se torna um importante alternativa para combater a questão do desinteresse, por parte dos alunos na disciplina.

Neste tópico, trazemos os resultados coletados através do questionário aplicado com 10 alunos do 6º ano do instituto sócio educacional Betel, sendo 7 meninas e 3 meninos, com idades entre 11 e 13 anos.

1) Você costuma assistir filmes com frequência?

**Gráfico 1:** Resultados da frequência com que os alunos assistem aos filmes



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A partir das respostas, é possível afirmar que a maioria dos alunos sempre estão em contato com as produções cinematográficas, o que se configura como um elemento importante para que o professor utilize filmes nas aulas de história. Vale também ressaltar que apesar da maior utilização de filmes em sala de aula nos últimos tempos, essa popularização não necessariamente tem significado um grande avanço em termos pedagógicos.

Apesar da grande utilização de filmes nas aulas de história, isto não vem se constituindo como um avanço pedagógico, e este fato acredita-se, tem ligação com a falta de preparo dos professores, com destaque para os de História, considerando que um grande contingente dos mesmos não teve na sua formação um componente curricular adequado para o estudo das linguagens audiovisuais que proporcionassem conhecimentos teóricos e metodológicos sobre a importância do filme como ferramenta no processo ensino e aprendizagem. Esta falta de preparo pode trazer danos para a aprendizagem, pois quando um filme é usado em sala de aula apenas como ilustração de uma temática, ou mesmo como um conhecimento em si, é uma estratégia que, de certa maneira, pouco contribui para a formação crítica do aluno, pois quase não se produz reflexões, pelo contrário, estimula-se a uma visão quase imóvel da história, onde conseqüentemente a dinâmica do aprender fica limitada em verdades prontas, não possibilitando momentos de construção do saber.

Portanto, o papel do professor de história nesse contexto, enquanto

mediador entre o aluno e o filme exibido, requer deste profissional demonstrações de que o filme é um produto histórico, no qual suas "verdades" precisam ser relativizadas já que são construções cinematográficas e representam o entorno social de quem os fez. Segundo afirma Meirelles:

O historiador deve se dar conta que a montagem do filme é o resultado de uma seleção de representações de uma realidade cujo critério de escolha foi estabelecido pelo autor, da mesma maneira como historiador seleciona os documentos que considera expressões da realidade para ordenar e fundamentar o seu trabalho histórico. A seleção que o historiador efetua é uma montagem tal como a montagem cinematográfica (Meirelles, 1997. p 115).

Desse modo, é de grande importância que o professor de história perceba o cinema como a representação de uma realidade, e não como uma verdade absoluta, Lima (2015) comenta que o cinema deve ser trabalhado através de uma análise crítica, em um filme deve-se observar como a nossa sociedade atual percebe a realidade e como concebe e reconstrói períodos do passado.

Na pergunta seguinte, os entrevistados foram indagados sobre a utilização de filmes nas aulas.

2) Qual a sua opinião a respeito da utilização de filmes nas suas aulas?

*Aluno 1: Eu gosto "pq" faz as pessoas se divertirem na aula.*

*Aluno 2: Eu gosto, pois muitas vezes o filme passa um ensinamento importante para nós alunos.*

*Aluno 3: Eu gosto, pois além de ter um ensinamento me deixa entretida.*

*Aluno 4: Eu gosto. Porque até os filmes ajudam também nas aulas e também divertem os alunos.*

*Aluno 5: Eu gosto porque ajuda no nosso desenvolvimento.*

*Aluno 6: Sim, eu gosto porque sempre tem que ter um filme nas aulas porque só estudar todo tempo é chato "mais" é legal um filme.*

*Aluno 7: Eu amo quando tem filmes porque podemos aprender com eles.*

*Aluno 8: Eu gosto porque é mais divertido.*

*Aluno 9: Eu gosto e é legal.*

*Aluno 10: Sim, eu gosto porque eu descobro coisas novas, tem aventuras etc.*

Em unanimidade, os participantes afirmaram que gostam quando os filmes são repassados em sala de aula para auxiliar na aprendizagem. Entretanto, a contextualização e o debate são imprescindíveis para que o professor consiga compreender se realmente houve um entendimento por parte dos alunos, e isso pode ser realizado através da verbalização de cada opinião formada com o conteúdo do filme. A terceira pergunta foi a seguinte:

3) Você consegue se envolver melhor nas atividades da sala de aula com a

exibição e discussão de filmes?

Em resposta a esse questionamento, todos os participantes responderam em unanimidade que a exibição e discussão de filmes contribui para o desenvolvimento das atividades em sala de aula. O cotidiano escolar nos apresenta habitualmente uma enorme amostra de situações que devem ser consideradas e analisadas o tempo todo pelos docentes. É no dia a dia na escola que os alunos se sentem à vontade para expor seus desejos, suas angústias e suas experiências.

Nesse sentido, o cinema deveria ter sido explorado pelo professor como mediador nessa discussão, na perspectiva de Morin (2002, p.329) “devido sua capacidade para nos mostrar, para fazer-nos ver as condutas humanas como algo que se situa no cruzamento do corpo com a alma”

Em outras palavras:

[...] sobretudo uma abertura para o universal que revela a particularidade de cada um. O meu próprio mundo é percebido como um outro mundo, e um outro mundo também é percebido como sendo o meu. Nos dois casos o cinema me revela que pertença a um mundo comum, à comunidade humana, portanto. É nesse sentido que se pode falar de experiência humana. (...) É preciso partir da ideia de que um filme nos desvenda condutas humanas (Morin, 2002, p.328).

Quando o professor consegue sondar os conhecimentos que o aluno já possui, facilita a elaboração do seu planejamento, pois é necessário problematizar e investigar aquilo que pode ser contextualizado no seu dia a dia, facilitando a aprendizagem de História (Ferro, 1976).

Nota-se que em algumas escolas falta uma integração entre a comunidade e a escola, e esta parceria tem que existir, pois o ambiente escolar é um espaço sociocultural de diferentes saberes, práticas educativas e identidades, de acordo com a concepção de Diniz & Souza (2016). O currículo deve ser trabalhado com a finalidade de contemplar a inclusão de várias culturas que se formou no decorrer do processo histórico de construção das identidades e as práticas pedagógicas dos professores devem levar em consideração que o alunado tem os seus saberes culturais e precisam ser trabalhados e respeitados.

O próximo questionamento se ateve em compreender se:

4) Você acredita que a utilização de filmes nas aulas de História melhora a sua compreensão sobre os conteúdos desta disciplina?

*Aluno 1: Sim, “pq”  
fala mais sobre as histórias.*



*Aluno 2: Sim, porque nos ajuda a “discernir” melhor o conteúdo dado em sala de aula.*

*Aluno 3: Sim, “por que” me faz prestar bastante atenção naquilo.*

*Aluno 4: Sim, porque além de ser legal ajuda a compreender a matéria direito e descobrimos coisas novas.*

*Aluno 5: Sim, pois ajuda a entender melhor a aula.*

*Aluno 6: Sim, porque faz “nos” aprender melhor e nos ajuda a interagir melhor.*

*Aluno 7: Sim, “por que” ajuda “a gente” compreender melhor.*

*Aluno 8: Sim, porque me ajuda a entender melhor do que os livros.*

*Aluno 9: Sim, “por que” ajuda a “enteder” melhor o “asunto”.*

*Aluno 10: Sim, porque nós aprendemos coisas que não “está” muito explicado no livro.*

A partir das respostas dos alunos, entende-se que o professor de história precisa adequar alguns filmes que contextualizem melhor com os conteúdos, tendo sempre o cuidado de verificar a classificação indicativa e a idade dos alunos, pois é preciso que eles tenham capacidade para discernir a respeito das temáticas apresentadas.

A exploração deste questionamento pelos alunos, poderia contemplar a história das comunidades indígenas, seu papel na história brasileira, seriam respostas tratando sobre a história dos indígenas, o conhecimento e reconhecimento de alguns conceitos contemplados de sua cultura.

Por se tratar de uma ferramenta utilizada no ensino da disciplina de história, é importante considerar o que já era proposto pelos PCN's:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (Brasil, 1997, p. 7).

Em continuidade ao questionamento, os alunos foram indagados sobre o filme exibido:

5) O filme passado pelo professor em turma, e sua posterior análise o ajudou a compreender alguma questão pertinente sobre os povos indígenas no Brasil?

*Aluno 1: Sim, eu pude perceber que os povos “indigenas” “utilização” diversos produtos que “uzamos”.*

*Aluno 2: Sim, me ajudou a entender a falta de direitos dos povos “indgenas” tem hoje no Brasil.*

*Aluno 3: Sim, me ajudou a entender o quanto os povos indígenas são estereotipados por nós.*

*Aluno 4: Sim, pude entender o quanto os povos indígenas “tem” a sua cultura e religião “desrespeitada”.*

*Aluno 5: Eu “consegui” entender que os povos “indígenas” “tem” quase todos os seus direitos negados.*

*Aluno 6: Sim, me ajudou a compreender melhor a questão dos “indígenas” e que até hoje a luta por terras é uma questão mais que “atuál”.*

*Aluno 7: Sim, me ajudou a compreender o preconceito que os povos indígenas sofrem até hoje.*

*Aluno 8: Eu percebi o quanto os “indígenas” sofrem diversos tipos de “violência” no seu dia a dia.*

*Aluno 9: Sim, me ajudou “á” observar os “indígenas” de uma forma que eu nunca tinha observado.*

*Aluno 10: Sim, eu pude entender como funciona o sistema de violência dos fazendeiros com os povos “indígenas” hoje em dia.*

Os alunos demonstraram ter compreendido com exatidão a mensagem principal que o filme Xingu repassa, tendo em vista que todos sinalizaram o entendimento a respeito das lutas travadas pelos indígenas para a conservação e preservação de seus espaços nativos.

Sobre estes aspectos levantados pelos estudantes a partir do quinto questionamento, considera-se pertinente, considerar as colocações de Sanchez (2012)

Na lógica de movimento de resistência e manutenção das culturas, as produções audiovisuais e cinematográficas revelam-se instrumentos importantes para os povos indígenas, pois se transformam em instrumentos de ação e de divulgação. Sendo assim, analisar o cinema de temática indígena como material didático para o Ensino de História traz à tona algumas questões importantíssimas na atualidade: o uso de novos objetos para estudos históricos, a reflexão metodológica do filme como recurso didático e a temática indígena (Sanchez, 2012, p. 5).

É importante ressaltar que o filme Xingu representa uma continuidade de um legado que vem sendo construído gradativamente no cenário cinematográfico brasileiro. Partindo deste ponto, desde os primeiros passos do cinema no Brasil, é possível observar a imagem do indígena nas produções cinematográficas. A representação do indígena brasileiro tem seu início por volta da década de 1910 e continua até os dias de hoje sendo feita, na grande maioria das vezes, partindo de uma perspectiva de construir um imaginário social dos povos indígenas (Paes, 2008).

Até os anos 1920, a presença do indígena no cinema não foi bem-vista, segundo Sanchez (2012) se tratava de um elemento da sociedade que o Brasil, enquanto projeto de Nação, não queria exaltar, porém já por volta dos anos 30 com

a marcha para o Oeste a caminhada para a inserção do indígena começou a se abrir. Para Sanchez (2012) o cinema ficcional do Brasil também se preocupou com a temática indígena, ainda que com intenções que fossem próximas dos romances indigenistas, como *Iracema* (1919), de Vittorio Capellaro, e mais recentemente a "invenção do Brasil" (2001) de Guel Arraes.

Diante destas observações, é possível afirmar que desde o seu começo o cinema brasileiro se ocupa com a temática indígena, seja através de documentações ou gravações do cotidiano, seja de uma maneira ficcional que trata da visão romântica do indígena ou das questões de vida destes povos nos dias de hoje.

Trazer a TV ou o cinema para a sala de aula não é apenas buscar um novo recurso metodológico ou tecnologia de ensino adequados aos nossos dias, mais palatáveis para os alunos — e o público —, que são condicionados mais a ver do que a ouvir, que têm a imagem como fonte do conhecimento de quase tudo. Trazer a TV e o cinema para a sala de aula é submeter esses recursos a procedimentos escolares— estranhamento e desnaturalização (Brasil, 2008, p. 129).

Não há dúvidas de como o cinema pode ser um instrumento importantíssimo para os povos indígenas, pois ele serve como uma ferramenta de ação e de exploração da História e de debates necessários para estes povos (Araújo, 2010).

Após a exibição do filme "Xingu" e a realização da aula sobre o tema, os alunos responderam de maneira positiva à avaliação realizada (Em Apêndice). Comentários elogiosos destacaram a relevância do filme para ampliar o entendimento sobre a luta dos indígenas por seus direitos e a importância do debate sobre a preservação cultural e ambiental, várias reflexões foram compartilhadas sobre a necessidade de respeito à diversidade étnica e cultural, bem como sobre a importância do reconhecimento e valorização das comunidades indígenas em nossa sociedade. Além disso, muitos alunos expressaram interesse em explorar mais a fundo o tema, buscando informações adicionais sobre a história dos povos indígenas do Brasil e as questões ambientais relacionadas à região do Xingu, esse engajamento demonstrou a eficácia do uso do cinema como ferramenta educacional para despertar o interesse dos alunos e promover reflexões profundas sobre temas relevantes para a sociedade.

Diante do exposto, é possível afirmar que este estudo desenvolveu uma pesquisa dedutiva, segundo o método da utilização dos conceitos e das práticas a respeito do uso do recurso do filme em sala de aula. Também foi utilizada uma

abordagem qualitativa quando traz os conceitos teóricos e análises dos resultados, e quantitativa ao levantar e apresentar dados acerca da opinião dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do desenvolvimento deste trabalho, foi possível perceber que o filme se configura como um componente didático imprescindível para complementar o ensino de História de maneira lúdica e dinâmica, pois o aluno pode ter contato com diferentes culturas, compreender a sua formação historiográfica e as lutas empreendidas por vários grupos sociais ao longo dos séculos.

A experiência com a aplicação dos questionários para os alunos participantes da pesquisa foi rica e resultou em uma aprendizagem mútua, ampliando as possibilidades interventivas do educador de história em sala de aula, considerando os resultados positivos colhidos após a exibição do filme Xingu.

Assim, é importante que o educador avalie toda a sistemática que envolve a sala de aula, se adaptando à pluralidade de informações às quais têm contato todos os dias. Procurou-se entender as situações em que a cultura indígena também fosse eixo e o motivo para a prática pedagógica, bem como para a aprendizagem, por ser nesse espaço que são instituídas as diretrizes, currículos e planos, elementos que devem ser vivenciados na prática com os alunos.

Respondendo tais questionamentos que implicaram no decorrer desse trabalho, as escolas ainda têm certa dificuldade de lidar com propostas que tratam sobre questões relacionadas à identidade das diferentes culturas brasileiras.

Sendo assim, a incorporação de instrumentos diferenciados em suas didáticas são desafios encontrados pelos educadores em sala de aula, pois, a sociedade brasileira ainda está muito arraigada numa visão monocultural. É necessário, portanto, que os professores adquiram o sentimento de pertencimento, pois somente se valoriza aquilo que é conhecido e respeitado.

Assim, para pensar nos princípios que devem nortear o trabalho escolar e a prática pedagógica na disciplina de História, necessita-se de formação pedagógica continuada bem como nos saberes que precisam focar as ações e as estratégias para

a aprendizagem da cultura indígena e das demais culturas que integram o território brasileiro, deve-se e precisa-se voltar para a importância dos valores sociais, políticos econômicos, culturais e para os valores étnicos que devem presidir a formação dos sujeitos.

Compreende-se que é reconhecendo a realidade, questionando-a, dialogando e conquistando a confiança dos profissionais da escola, como também, realizando intervenção conjunta, que pode ser possível a aliança entre a teoria como expressão da prática, nesse contexto.

Portanto, é possível afirmar que os filmes que se enquadram no “cinema de temática indígena”, assim como os filmes que compõem o subgênero “cinema indígena”, são materiais que podem estimular a produção de significados e, como tal, exigem um conhecimento mínimo sobre a linguagem cinematográfica.

Espera-se que esta pesquisa venha a contribuir com a comunidade acadêmica e social, incentivando os educadores na busca de novas possibilidades de ensinar, considerando todas as transformações que incidem diretamente no quesito educacional, para que a universidade cumpra o seu papel de formadora social de cidadãos críticos e aptos para transformar o mundo.

Diante disso, analisar e utilizar o cinema de temática indígena como um recurso didático para o ensino de História se torna de suma importância, pois traz à tona questões muito relevantes nos dias de hoje, como por exemplo o uso de novos objetos para estudos da história, a reflexão do filme enquanto ferramenta pedagógica e a temática indígena, atendendo a Lei Nº 11. 645 / 2008 que tornou obrigatório nos currículos escolares.

Daí a importância de o professor conseguir sondar os conhecimentos que o aluno já possui, isso facilita a elaboração do seu planejamento, pois é necessário problematizar e investigar aquilo que pode ser contextualizado no dia a dia, facilitando a aprendizagem de História (Bittencourt, 2008).

As diversidades que fazem parte de nosso contexto social de vida e escolar devem ser trabalhadas pelos professores de forma que venha a contribuir para a aceitação da identidade do educando. Os educadores precisam aprofundar os conhecimentos sobre a temática para que tenham condições de explorar de maneira certa as questões que serão discutidas no decorrer da aula sobre a diversidade, e proporcionar ao aluno que tenha um olhar diferenciado e não preconceituoso (Silva, 2000).

É importante também destacar que o educador deve reconhecer os seus alunos como seres pensantes e capazes de ultrapassar os limites da sala de aula, principalmente ao considerarmos a presença das tecnologias de informação e comunicação que têm contribuído para ampliar as possibilidades didáticas no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos e ALVES, Leonir Pessate (orgs.). **Processos de Ensino na Universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 8. ed. Joinville, SC: Univille, 2009.

ARAÚJO, A. C. Z. **Cineastas indígenas**: um outro olhar: Guia para professores e alunos. Olinda: Vídeo nas aldeias, 2010.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink: Cinead-Lise-FE/UFRJ, 2008.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema**: uma introdução. Campinas: Editora Unicamp; São Paulo: Edusp, 2013.

Brasil. **Decreto nº 1.775, de 15 de junho de 1961**. Dispõe sobre a criação do Parque Nacional do Xingu. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jun. 1961. Seção 1, p. 5779.

BRASIL. Lei n. 9.394. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Arte/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1997.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (PCNs). Brasília: MEC/SEF. 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2008. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio; volume 3).

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB n. 11/2010, de 7 de julho de 2010**. Sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos. Brasília, DF: CNE/CEB, 2010.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024**: Linha de Base. – Brasília, DF: Inep, 2015. 404 p.: il. Disponível em: [https://deolhonosplanos.org.br/wpcontent/uploads/2015/10/Plano\\_Nacional\\_de\\_Educacao\\_\\_Linha\\_De\\_Base.pdf](https://deolhonosplanos.org.br/wpcontent/uploads/2015/10/Plano_Nacional_de_Educacao__Linha_De_Base.pdf) Acesso em 25 de novembro de 2023.

BRASIL (2018a). **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 10/10/2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2008. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio; volume 3).

BRASIL. Presidência da República. **Lei 13. 006/2014**, de 26 de junho de 2014. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm)>. Acesso em 04/05/2023.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

CANDAU, Vera Maria. **Sociedade, educação e Culturas**. Petrópolis. RJ: Vozes. 2002.

CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. São Paulo: Artes Médicas, 2002.

CATELLI, Rosana. **O Cinema educativo nos anos 1920 e 1930: algumas tendências presentes na bibliografia contemporânea**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 12, p. 1-15, janeiro/junho 2005.

COSTA, Adriane Camilo. **O cinema como mediador na educação para a cultura visual [manuscrito]**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2009.

COSTA, Antonio. **Compreender o cinema**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1987.

COSTA, Otávio Santos. As relações entre cinema e educação especial em teses e dissertações: um estudo de revisão sistemática. **Rev. Educ., Cult. Soc.**, Sinop/MT/Brasil, v. 7, n. 2, p. 297-309, jul./dez. 2017.

CIPOLINI, A. **Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – Um estudo sobre a utilização do cinema na educação. Dissertação de mestrado**. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2008.

DA COSTA, Pedro Fernandes. **Ensino de História e filmes em sala de aula: “1492” e a teoria sócio-histórica**. Dissertação de Mestrado – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DAVIS, David. **O problema da escravidão na cultura ocidental**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2013.

DINIZ, Wagner Berto dos Santos; SOUZA, Wallace G. Ferreira de. **DO QUILOMBO À ESCOLA: educação Étnico Racial e a proposta pedagógica da E.E.E.F.M João Lelys – Livramento-PB, impressões e apontamentos iniciais**. III CONEDU, 2016.



Disponível em <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos>. Acesso em 20 de jun. 2023.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FELIX, Fábio de Oliveira. **O cinema como proposta metodológica para compreensão do espaço geográfico**: uma análise a partir do filme Xingu / Fábio de Oliveira Felix. Cajazeiras, 2019.

FERRAZ, Roselane Duarte. A BNCC e os desafios aos profissionais da docência: debates necessários. **REV. BRAS. de EDUC. de Jov. e Adultos**, 2019.

FERRO, M. **O filme**: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J., NORA, P. (Orgs.). História: novos objetos. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

FRANCO, Marília. **Você sabe o que foi o I.N.C.E.?** In: SETTON, Maria da Graça Jacintho (org.). A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume: USP, 2004.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a uma prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E (org.). et.al. Autonomia da escola: princípios e proposta In:\_. **Uma Escola, Muitas Culturas**. 4. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.p.117-124.

GIARETA, Paulo Fioravante. A BNCC e o reformismo curricular no brasil no contexto da agenda neoliberal. **Cadernos de Pesquisa**. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves. O desafio da diversidade. In:\_. (Org.). **Experiências étnico-culturais para formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2002.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LEITE, S. **Cinema brasileiro**: das origens à retomada. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

LIMA, Daniel Rodrigues de. **Cinema e História: o filme como recurso didático no ensino/aprendizagem da história.** Disponível em <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/sete/7daniel.pdf>> Acesso em: 20/06/2023.

LINO, Vítor Ferreira. **Da escola ao cinema pelas trilhas de um projeto.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias de currículo. In: \_\_\_\_\_; MACEDO, Elizabeth. **Teorias do Currículo.** São Paulo: Cortez, 2011, p.19-161.

MEIRELLES R. **O cinema como fonte para o estudo de história.** Londrina V. 3 1997.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, abr. 2017.

MITCHELL, W.J.T. “**Mostrando El Ver:** Uma crítica de la cultura visual”. En: Estudios Visuales 1. Murcia: Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporáneo, Noviembre, 2003, p.17-40.

MORÁN. J. M. **O vídeo na sala de aula.** Comunicação e Educação, São Paulo, (2): 27 a 35, jan./abr. 1995.

MORAN, José Manuel. A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. **Contrapontos** - volume 4 - n. 2 - p. 347-356 - Itajaí, maio/ago. 2004.

MORIN, Edgar. **A Religião dos Saberes:** o desafio do século XXI. (3ª Ed.) – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NASCIMENTO, Vera Lúcia do. **Cinema e Ensino de História: em busca de um final feliz.** Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar. Maringá, nº 16, ago. /set. /nov. 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2003.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2009.

NÓVOA, Antônio. (coord). **Os professores e sua formação.** Lisboa-Portugal: Dom Quixote, 1997.

OLIVEIRA, Keila Souza de. **A dimensão pedagógica do cinema negro:** Articulações sobre a Lei 10.639/03 e a imagem de afirmação positiva do negro. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação** (9ª ed.) – Petrópolis: Vozes, 1993.

PAES, Maria Helena Rodrigues. **Representações cinematográficas “ensinando” sobre o índio brasileiro**: De selvagem a herói nas tramas de império. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, Caxias do Sul, V.14, n.2, p.77-88, maio/ago. 2009.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RAMOS, Fernão. A cicatriz da tomada: documentário, ética e imagem–intensa. In: **Teoria Contemporânea do Cinema**. Vol II. São Paulo: SENAC, 2005.

RAMOS, M. A. M; ARAÚJO, R. D; SOUZA, A. C. B. **Cinema e educação: reflexões teórico-metodológicas e didáticas**. Realize. Campina Grande, p. 1-10, 2012. Disponível em:[http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ed72f80c15975b7dee45e8697d\\_be1f53\\_58.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ed72f80c15975b7dee45e8697d_be1f53_58.pdf) Acesso em 10/06/2023.

ROYSEN, Rebeca. **A marcha para o Oeste: a epopeia da Expedição Roncador-Xingu**. Novos Cadernos NAEA, v. 18, n. 1, 2015.

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. **Caderno de cinema do professor: três / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; organização, Devanil Tozzi, Eva Margareth Dantas, Marilena Bocalini - São Paulo : FDE, 2009.**

SANCHEZ, Lais Alves, **Ensino de História e a Temática Indígena: o uso do cinema na sala de aula**. Universidade de São Paulo (USP), 2012.

SILVA, A. C. da. **Versões didáticas da história indígena (1870-1950)**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, USP, 2000.

SILVA, R. M. **Cinema e educação: os professores, seus imaginários e suas relações com o audiovisual**. 2015. 97f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, 2015. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/gpfope/index.php/producao/dissertacoes> Acesso: 05/10/2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TURNER, Graemer. **O cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

VARGAS, Getúlio. **O Cinema nacional elemento de aproximação dos habitantes do país**. Nova Política do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1935.

VESENTINI, Carlos Alberto. História e ensino: o tema do sistema fábrica visto através de filmes. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

VIANA, M. C. V. **O Cinema na Sala de Aula e a Formação de Professores de Matemática**. Mini-curso oferecido aos alunos do Curso de Matemática na UFRRJ. Dia de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais. 18 de maio de 2010. Seropédica-RJ.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A — PRODUÇÃO DE QUESTIONÁRIO

#### PESQUISA SOBRE O USO DO CINEMA EM SALA DE AULA

Este questionário tem o objetivo de obter a sua opinião a respeito da utilização do filme em sala de aula, com isso, pedimos que leia com atenção as questões abaixo e responda segundo seu entendimento.

Instituição que estuda: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino Série/ano: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

1) Você costuma assistir filmes com que frequência?

( ) Sempre ( ) Geralmente ( ) Às vezes ( ) Raramente ( ) Nunca

2) Qual a sua opinião a respeito da utilização de filmes nas suas aulas?

---

---

3) Você consegue se envolver melhor nas atividades da sala de aula com a exibição e discussão de filmes?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei responder

4) Você acredita que a utilização de filmes nas aulas de História melhora a sua compreensão sobre os conteúdos desta disciplina?

---

---

5) O filme passado pelo professor em turma, e a sua posterior análise o ajudou a compreender alguma questão pertinente sobre os povos indígenas no Brasil?

---

---

## APÊNDICE B — QUESTIONÁRIO DO ALUNO(A)

**PESQUISA SOBRE O USO DO CINEMA EM SALA DE AULA**

Este questionário tem o objetivo obter a sua opinião a respeito da utilização do filme em sala de aula, com isso, pedimos que leia com atenção as questões abaixo e responda segundo seu entendimento.

Instituição que estuda: Instituto Vócio Educacional Betel

Sexo:  Feminino ( ) Masculino Série/ano: 6º Ano Idade: 12

1) Você costuma assistir filmes com que frequência?  
 Sempre ( ) Geralmente ( ) Às vezes ( ) Raramente ( ) Nunca

2) Qual a sua opinião a respeito da utilização de filmes nas suas aulas?  
Eu gosto pois além de ter um ensinamento me deixa entretida.

3) Você consegue se envolver melhor nas atividades da sala de aula com a exibição e discussão de filmes?  
 Sim ( ) Não ( ) Não sei responder

4) Você acredita que a utilização de filmes nas aulas de História melhora a sua compreensão sobre os conteúdos desta disciplina?  
Sim, pois que me faz prestar bastante atenção naquilo.

5) O filme passado pelo professor em turma, e a sua posterior análise o ajudou a compreender alguma questão pertinente sobre os povos indígenas no Brasil?  
Sim, Me ajudou a entender o quanto os povos indígenas são estereotipados por nós.

Fonte: Do autor, 2024

## APÊNDICE C — QUESTIONÁRIO DO ALUNO (A)

**PESQUISA SOBRE O USO DO CINEMA EM SALA DE AULA**

Este questionário tem o objetivo obter a sua opinião a respeito da utilização do filme em sala de aula, com isso, pedimos que leia com atenção as questões abaixo e responda segundo seu entendimento.

Instituição que estuda: Instituto socioeducacional Betel

Sexo:  Feminino ( ) Masculino Série/ano: 6- Idade: 11

1) Você costuma assistir filmes com que frequência?  
 Sempre ( ) Geralmente ( ) Às vezes ( ) Raramente ( ) Nunca

2) Qual a sua opinião a respeito da utilização de filmes nas suas aulas?  
Eu gosto, pois muitas vezes o filme passa um ensinamento importante para nós alunos.

3) Você consegue se envolver melhor nas atividades da sala de aula com a exibição e discussão de filmes?  
 Sim ( ) Não ( ) Não sei responder

4) Você acredita que a utilização de filmes nas aulas de História melhora a sua compreensão sobre os conteúdos desta disciplina?  
Sim, porque nos ajuda a discernir melhor o conteúdo dado em sala de aula.

5) O filme passado pelo professor em turma, e a sua posterior análise o ajudou a compreender alguma questão pertinente sobre os povos indígenas no Brasil?  
Sim, me ajudou a entender a falta de direitos dos povos indígenas tem hoje no Brasil.

Fonte: Do autor, 2024

## APÊNDICE D — QUESTIONÁRIO DO ALUNO (A)

**PESQUISA SOBRE O USO DO CINEMA EM SALA DE AULA**

Este questionário tem o objetivo obter a sua opinião a respeito da utilização do filme em sala de aula, com isso, pedimos que leia com atenção as questões abaixo e responda segundo seu entendimento.

Instituição que estuda: Instituto Sócio Educacional Betel

Sexo:  Feminino ( ) Masculino Série/ano: 6<sup>ª</sup> ano Idade: 12

1) Você costuma assistir filmes com que frequência?  
 ( ) Sempre  Geralmente ( ) Às vezes ( ) Raramente ( ) Nunca

2) Qual a sua opinião a respeito da utilização de filmes nas suas aulas?  
Eu gosto porque ~~dá~~ ajuda no nosso desenvolvimento.

3) Você consegue se envolver melhor nas atividades da sala de aula com a exibição e discussão de filmes?  
 Sim ( ) Não ( ) Não sei responder

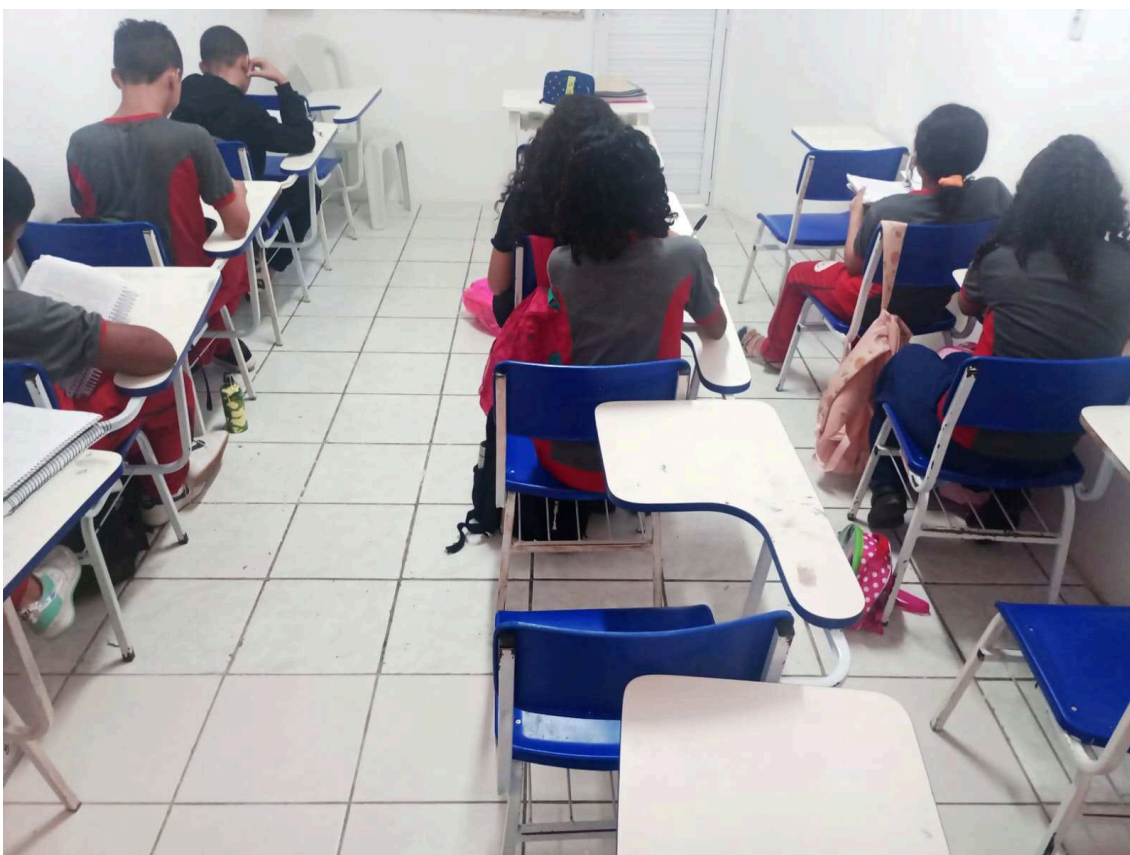
4) Você acredita que a utilização de filmes nas aulas de História melhora a sua compreensão sobre os conteúdos desta disciplina?  
Sim, pois ajuda a entender melhor a aula.

5) O filme passado pelo professor em turma, e a sua posterior análise o ajudou a compreender alguma questão pertinente sobre os povos indígenas no Brasil?  
Eu consegui entender que os povos indígenas têm quase todos os seus direitos negados.

Fonte: Do autor, 2024




## APÊNDICE E— ALUNOS RESPONDENDO O QUESTIONÁRIO



Fonte: Do autor, 2024

## APÊNDICE F— AVALIAÇÃO REALIZADA DO ALUNO (A)


 Escola: Pitil  
 Aluno: Pitilo Henrique dos Passos  
 Série: 6 ano Turma: Matutino Data: 25/07/2023  
 Avaliação de História

1) O que foi a marcha para o Oeste?

*foi um projeto desenvolvido por Vargas durante a ditadura de estado novo com o intuito de promover o desenvolvimento populacional*

2) Quais eram as principais características desse projeto?

*Promover a integração rodoviária e o desenvolvimento populacional no Brasil*

3) Qual foi o saldo final deste projeto?


*O projeto teve sucesso na promoção do desenvolvimento populacional das regiões, porém não conseguiu desarticular os latifúndios existentes.*

4) Com base no filme assistido e na discussão que foi feita em turma, comente sobre a questão dos povos indígenas naquele contexto da marcha para o Oeste e faça uma discussão com as questões dos povos indígenas no contexto atual.

*Os indígenas não foram devidamente vistos pelo governo, e os brancos levaram doenças para os tribos, e até hoje os indígenas não são ignorados pelo governo e lutam por seus valores e existências.*

Fonte: Do autor, 2024

## APÊNDICE G— AVALIAÇÃO REALIZADA DO ALUNO (B)


 Escola: Betel  
 Aluno: Isaro Gabriel M. de Pa  
 Série: 6º ano Turma: mat Data: 25/04/2023  
 Avaliação de História

1) O que foi a marcha para o Oeste?

Foi um projeto desenvolvido pelo governo de Vargas durante a ditadura do estado novo com o objetivo de desenvolver populacional.

2) Quais eram as principais características desse projeto?

A sua principal característica era promover a integração do interior do Brasil com as áreas litorâneas.

3) Qual foi o saldo final deste projeto?

A campanha do governo de Vargas teve sucesso na promoção do desenvolvimento populacional das regiões.

4) Com base no filme assistido e na discussão que foi feita em turma, comente sobre a questão dos povos indígenas naquele contexto da marcha para o Oeste e faça uma discussão com as questões dos povos indígenas no contexto atual.

A relação que podemos fazer é que desde a marcha para o oeste, os indígenas tem a sua casa atacada e ameaçada. Para os homens brancos, eles sempre vivem atibetados em estado de ameaça.

Fonte: Do autor, 2024

## ANEXO A — ARTIGO USADO PARA TRABALHAR A TEMÁTICA EM SALA



Novos Cadernos NAEA

v. 18, n. 1, p. 303-307, jan-jun. 2015. ISSN 1516-6481 / 2179-7536

---

### RESENHA

*Rebeca Raysen* - Mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP); doutoranda em Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rebecaraysen@gmail.com.

VILLAS BÓAS, Orlando; VILLAS BÓAS, Cláudio. **A marcha para o Oeste:** a epopeia da Expedição Roncador-Xingu. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 638p. Inclui mapa e fotos.

#### Redescobrimo o Xingu

Orlando Villas Bóas (1914-2002) e Cláudio Villas Bóas (1916-1998), juntamente com o seu irmão caçula, Leonardo Villas Bóas (1918-1961), eram jovens de classe média de São Paulo quando resolveram se juntar à Expedição Roncador-Xingu, em 1943. Essa expedição tinha como objetivo desbravar a região localizada entre o rio Araguaia e o rio Tapajós, passando pela região do rio das Mortes e da Serra do Roncador, no estado de Mato Grosso. Coordenada pela Fundação Brasil Central (FBC), uma das metas da expedição era instalar campos de pouso e bases radiotelegráficas, de forma a integrar essas regiões “vazias” ao resto do país. Os irmãos Villas Bóas tornaram-se líderes da expedição e acabaram passando mais de 30 anos na região do Xingu. Mesmo não sendo antropólogos, escreveram diversos livros sobre a cultura dos povos xinguanos, como *Xingu: os índios, seus mitos* (1990) e *A arte dos pajés: impressões sobre o universo espiritual do índio xinguanos* (2000), entre outros.

*A Marcha para o Oeste* foi publicada pela primeira vez na década de 1990, sendo contemplada com o Prêmio Jabuti em 1995. Reeditada recentemente pela Companhia das Letras, a obra contém o diário da Expedição Roncador-Xingu,

Novos Cadernos NAEA • v. 18 n. 1 • p. 303-307 • jan-jun. 2015

Fonte: Raysen, 2015

## ANEXO B — PLANO DE AULA PARA TRABALHAR A TEMÁTICA EM SALA



### PLANEJAMENTO SEMANAL- ENSINO FUNDAMENTAL II

Dia da semana: Quarta feira Data:19/04/2023

Série:6ºano Professor (a): Edson André Rosa Mota

ÁREA DO CONHECIMENTO:

Língua ( ) Matemática ( ) Ciências da Natureza  Ciências Humanas ( ) Ensino Religioso.

COMPONENTES CURRICULARES:

Língua Portuguesa ( ) Artes ( ) Educação Física ( ) Língua Inglesa ( ) Língua Espanhola  
 Matemática ( ) Ciências  História ( ) Geografia ( ) Ensino Religioso ( ) Filosofia

- **Unidade Temática:** A marcha para o Oeste
- **Objetivos do conhecimento:** Analisar a formação geo-histórica do território brasileiro, com foco no período do governo Vargas, analisar a situação dos povos indígenas no contexto do desenvolvimento do projeto da marcha para o Oeste.
- **Habilidades e códigos alfanuméricos:** EF07GE03 - Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.
- **Metodologia e Recursos pedagógicos:** Será ministrada em um primeiro momento uma aula sobre a marcha para o Oeste, em um segundo momento será passado o filme Xingu (2013) de Cao Hamburger, e em um terceiro momento será feita uma discussão sobre o filme passado e a aula anteriormente ministrada.
- **Atividade para casa:** Com base na aula ministrada, e no filme passado, os alunos deverão estudar para a avaliação da semana que vem, sobre a temática da Marcha para o Oeste.